

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

JULIANO COELHO CAPUZZO

**ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
NA EAJA DO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA**

Trabalho apresentado como exigência parcial para obtenção de título de licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação do professor Dr. Lênin Tomazett Garcia.

Esta Monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.

Goiânia, 20 dezembro de 2015



Prof/a. (orientador/a)

Goiânia
2016

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus que é quem me guia pelos meus caminhos e me protege, e foi quem me fez chegar até aqui!

Agradecer minha família que é minha base, em especial meus pais que me criariam com tanto amor e carinho e sempre fizeram de tudo por mim, são meu porto seguro. E minha irmã que está sempre ali para o que der e vier inclusive nas constantes reclamações desse árduo trabalho.

Aos amigos de curso que passaram a ser amigos de vida, em especial Laleska Guiotti e Reinaldo Magalhães por ter aguentando meus constantes áudios, e também Taynara Ferreira, Hugo Diniz, Ingrid Danielle e Rayra Tanaka, a graduação não teria sido a mesma sem vocês.

A amiga sempre fiel e de longa data Wanessa Rodrigues que sem o auxílio em me explicar como funciona a chamada pública eu nem teria entrado na faculdade em 2013 e não estaria me formando agora em 2016, obrigado por me dar suporte durante todas as minhas incansáveis reclamações.

Aos meus professores desde a escola básica até aqui, pelos ensinamentos e exemplos de bons profissionais que eu almejo ser, em especial gostaria de agradecer o professor Roberto Furtado que me encaminhou para esse campo da EJA e a professora Dayse Cauper que foi quem me fez chegar até meu querido orientador Lênin Tomazett Garcia que foi de fundamental apoio nesse processo me atendendo nos mais complicados horários, sempre paciente e com um sorriso no rosto, acredito que teria sido mais difícil sem você e fica aqui o meu maior agradecimento, mas palavras são insuficientes para expressar meus sentimentos.

RESUMO

O presente estudo é uma pesquisa a campo em quatro escolas municipais de Goiânia apresentando um trabalho científico de acordo com o seguinte problema de pesquisa: Como é desenvolvido o trato pedagógico da Educação Física na modalidade de Educação de Jovens e Adultos? A pesquisa tem como finalidade saber se tem e se, como são realizadas as aulas de educação física nas escolas municipais de Goiânia que possuem EAJA, analisando as abordagens pedagógicas, a aceitação dos alunos e as dificuldades enfrentadas por esses professores, contribuição da educação física para esses alunos, relação escola e Educação Física e formação inicial.

Palavras chaves: *Educação de Jovens e Adultos; Organização do Trabalho Pedagógico-Educação Física.*

LISTA DE SIGLAS

EAJA – Educação de Adolescentes Jovens e Adultos
EJA – Educação de Adolescentes Jovens e Adultos
FEFD – Faculdade de Educação Física e Dança
FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
FUNDEF – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização
PCNS – Parâmetros Curriculares Nacionais
PNA – Programa Nacional de Alfabetização
PNAC – Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania
PPP – Proposta Político Pedagógica
PROEJA – Programa nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos
PR – Paraná
PUC – Pontifícia Universidade Católica
SEDUCE – Secretaria de Estadual de Educação, Cultura e Esporte
SESI – Serviço Social da Indústria
SESC – Serviço Social do Comércio
SMEE – Secretaria Municipal de Educação e Esporte
UFG – Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO 1 – POLÍTICA EDUCACIONAL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL	11
1.1 Ordenamentos legais da Educação de Jovens e Adultos	11
1.1.1 Legado do Estado Militar: Estabelecendo o Ensino Supletivo.....	11
1.1.2 Lei 9394/1996: estabelecendo “novas” diretrizes e bases da educação de jovens e adultos	12
1.1.3 Lei do FUNDEB: financiamento perene da EJA e sua consolidação como modalidade.....	13
1.2 O desafio na formação de professores em Educação Física para o campo da Educação de Jovens e Adultos.....	15
1.3 Diretrizes curriculares da Educação de Jovens e Adultos no âmbito do município de Goiânia e do Estado de Goiás.....	17
1.4 Educação Física e Educação de Jovens e Adultos: ciência em movimento.....	19
CAPÍTULO 2 - MEDIAÇÕES DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	21
2.1 Cultura corporal na Educação de Jovens e Adultos: o trato pedagógico.....	21
2.2 Possibilidades e dificuldades na organização do trabalho pedagógico na EJA.....	24
CAPÍTULO 3 EDUCAÇÃO FÍSICA PARA JOVENS E ADULTOS: CONSUBSTANCIANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA	27
3.1 contribuições da E.F na formação dos alunos jovens e adultos.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33
ANEXOS.....	36

ANEXO 1	36
ANEXO 2	38
ANEXO 3	39

INTRODUÇÃO

A elaboração deste trabalho é a conclusão da graduação do curso de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (UFG), pensando também na relevância social que o mesmo possa representar e pra que venha a influenciar em futuras pesquisas nessa modalidade. Por meio e uma pesquisa de campo em escolas municipais de Goiânia apresento um trabalho de cunho científico que teve em seu desenvolvimento o seguinte problema de pesquisa: Como é desenvolvido o trabalho pedagógico da Educação Física na Educação de Jovens e Adultos no município de Goiânia?

No ano de 2014 quando realizei a disciplina de “Oficina Experimental” ministrada pelo professor Roberto Furtado, determinava-se que para concluir a mesma, deveria-se apresentar uma oficina e avaliar se essa poderia ser aplicada na escola, e se no momento da avaliação o professor e os alunos avaliassem que tal atividade não fosse adequada deveríamos refletir sobre o porquê de sua inviabilidade. Como isso gerou uma inquietação em querer saber o porquê de algumas práticas corporais não serem trabalhadas nas escolas, procurei o referido professor da disciplina com o objetivo de ir a campo fazer uma pesquisa sobre isso, o mesmo disse que pesquisar em todas as escolas de Goiânia seria muito amplo e assim poderíamos concentrar-se somente na Educação de Jovens e Adultos (EJA) que é uma área aonde se encontra poucos trabalhos relacionados e menos ainda relacionados à Educação Física, e propôs formar um grupo de pesquisa fazendo convites a outros estudantes e professores.

O intuito inicial do grupo seria revisar na literatura o que tinha nela voltada para a EJA e que fosse relacionado à Educação Física, ou seja, em um primeiro momento faríamos encontros semanais para um estudo e posteriormente uma visita a campo para pesquisar como se dava o processo da disciplina de Educação Física para a Educação de Jovens e Adultos. Por uma série de fatores o grupo acabou não indo

adiante, mas meu interesse não diminuiu em querer conhecer melhor o trato pedagógico realizado no componente curricular de Educação Física na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Portanto, a proposta foi ir a campo analisar como isso é posto em prática, e buscando refletir sobre essa questão, surgiram outras fundamentais, quais sejam: como é a organização do trabalho pedagógico dos professores, se os professores possuem apenas a formação inicial ou permanente, se conseguem realizar a proposta que é dada pelo vasto campo dos marcos teóricos que contribuem no trato pedagógico, se desenvolvem um trabalho com a Proposta Político Pedagógico (PPP) do município de Goiânia, como são trabalhados os conteúdos e como os educandos reagem à disciplina, já que em sua maioria são educandos de diferentes idades e que trabalham o dia todo e chegam à escola cansados e podem considerar as aulas de Educação Física como algo que possa cansar ainda mais por ser uma disciplina em sua essência caracterizada pelo movimento.

Para uma melhor elaboração do trabalho este foi dividido em dois capítulos e dentre eles seus segmentos, sendo o primeiro capítulo denominado: *Política Educacional e Educação de Jovens e Adultos no Brasil*, o responsável por situar o campo da EJA, começando com um breve histórico do processo que se levou a criação da Educação de Jovens e Adultos, passando pelos ordenamentos legais que regem a modalidade e o reconhecimento do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), mas seu precário financiamento a mesma, suas limitações em relação às demais modalidades da Educação, as dificuldades dos professores na falta de embasamento para trabalhar nessa área, o que dizem as diretrizes curriculares e por fim um pouco do que se tem na literatura relacionada à área.

O segundo capítulo : *Mediações da Organização do Trabalho Pedagógico na Educação Física na Educação de Jovens e Adultos* e busca refletir sobre como a cultura corporal é trabalhada pelos professores, suas dificuldades, possibilidades e limitações. Desta forma aborda-se questões da especificidade dos educandos de EJA e as tensões de sua especificidade para as aulas de Educação Física em relação ao trato com o conhecimento.

Metodologia e Método

O primeiro passo foi fazer uma visita na Gerência de Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (GEAJA) destinado a EJA na Secretaria Municipal de Educação e Esporte (SMEE), onde eu tentei conseguir as diretrizes curriculares que davam base ao ensino da EJA, dessa primeira vez que foi não quiseram me entregar o documento me informando que só o faria mediante a um termo que comprovasse minha pesquisa e também me informaram que eles trabalham direto com o PPP e que o mesmo contempla as diretrizes curriculares diretamente ligado a cada modalidade de ensino, mas que a escola tem total autonomia para elaborar sua própria PPP a partir da PPP da EAJA, posteriormente voltei com o termo feito pelo meu orientador e só então obtive a Proposta Político Pedagógica da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos (EAJA), depois de ler e analisar foi elaborado um roteiro de entrevista semi-estruturada para ser realizada com professores dessa modalidade em quatro escolas municipais da região norte de Goiânia, depois do processo de realização de quatro entrevistas, com quatro professores diferentes, sendo dois que se formaram na UFG, um na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e um da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC) foi feita a transcrição das mesmas para então realizar a análise do discurso que ressoava de semelhanças entre as mesmas, para posteriormente fazer uma reflexão cruzando os dados obtidos com as diretrizes dos documentos oficiais e com os marcos teóricos da Educação Física. Tal reflexão é precisamente o fundamental no método dessa pesquisa.

O método materialista histórico-dialético foi sistematizado por Karl Marx, no conjunto de suas obras, não sendo possível apontar alguma que seja a obra em que o autor tenha descrito detalhadamente o método. Isso é próprio da dialética, que se produz no curso da análise do objeto. Neste trabalho vamos nos basear neste método, buscando articular o lógico e o histórico, parte e todo, aparência e essência, o simples e complexo. (KOPNIN, 1978, p. 183).

Kopnin (1978) argumenta que:

O lógico é o reflexo do histórico por meio de abstrações e aqui dá-se atenção principal à manutenção da linha principal do processo histórico real. A lógica do movimento do pensamento tem como uma de suas leis principais a ascensão do simples ao complexo, do inferior ao superior e esse movimento do pensamento expressa a lei do desenvolvimento dos fenômenos do mundo objetivo. (KOPNIN, 1978, p. 184)

Mais adiante o autor ainda acrescenta a estas teses, o pressuposto de que: “a

forma lógica de desenvolvimento reflete o processo histórico, daí ser ela necessária para interpretá-lo”. (KOPNIN, 1978, p. 184). Assim, compreende-se que este método propõe que a teoria produzida seja reflexo da sociedade em contradição permanente. Esta é uma definição central do método e da sua forma de produção de conhecimento; isto posto, a questão dos procedimentos metodológicos será a ela subordinada e definida de acordo com as características do objeto. Cada objeto de estudo requer os procedimentos metodológicos coerentes com a sua forma de apreensão.

A partir desses princípios a pesquisa foi realizada com base nos fundamentos do materialismo dialético, mas tentando entender a sociedade em que vivemos hoje, com suas divisões de classes e o sentido que a educação para jovens e adultos desempenha nesse contexto.

Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa procura articular qualidade e quantidade, entendendo que não há separação entre estes polos, mas sim uma unidade dialética, ou seja, contraditória. A pesquisa qualitativa se aprofunda em questões e não em resultados estatísticos, se pauta de uma opinião própria, escolhe um público alvo e desenvolve a pesquisa com objetividade pautada na abstração. Feita em forma de entrevistas, o que confere maior liberdade nas respostas dos entrevistados, o que resulta em uma dificuldade maior de interpretação, mas ao mesmo tempo ajuda a formar o cenário da pesquisa e possibilita o concreto, que é para além do imediato. A esse respeito concordamos com Goldenberg (1997):

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. (...) uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34).

Ao contrário da qualitativa, a pesquisa quantitativa se centra na objetividade, ela é mensurável, se traduz em número, e tem questionários fechados, com perguntas onde já se tem uma noção dos tipos de respostas esperadas e vão analisar os resultados por critérios preestabelecidos.

Esclarece Fonseca (2002):

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente.

Entretanto, de acordo com Gamboa (2003), é um equívoco qualificar as pesquisas apenas como qualitativas ou quantitativas. O autor argumenta que esse dualismo incorre em sérios problemas tanto epistemológicos, como procedimentais e defende que as pesquisas sejam quali-quantitativa, de forma mista, para conseguir uma compreensão e explicação sobre o tema. Forma pela qual foi realizada a pesquisa, trabalhando com as duas de acordo com as situações decorrentes do processo de investigação, considerando que ela será feita em um ambiente social. Tanto uma como a outra leva em conta a utilização de um questionário ou entrevista, após um levantamento com questões ou problemas específicos, aprofundamento na literatura e uma observação da realidade dessas escolas. Questionário esse feito com professores, feito em forma de entrevista semi-estruturada, que segundo Thiollent (1998) consiste em um pequeno número de perguntas abertas, com objetivos específicos, com roteiro previamente elaborado.

CAPÍTULO 1

POLÍTICA EDUCACIONAL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL.

1.1 Ordenamentos legais da Educação de Jovens e Adultos

A alfabetização de jovens e adultos já vinha sendo reconhecida desde 1930, ganhando ainda mais força nas décadas de 40 e 50, com os movimentos sociais em 1960 e com o Mobral e o ensino supletivo dos governos militares e a Fundação Educar da Nova Republica. (HADDAD & XIMENES, 2008, p 131)

1.1.1 Legado do Estado Militar: Estabelecendo o Ensino Supletivo

Durante a década de 1950, ocorria no Brasil um processo de modernização e uma crescente urbanização e industrialização, com isso uma demanda por educação, inclusive dos Jovens e Adultos. Com uma crescente popularização Paulo Freire foi convidado pelo governo federal no ano de 1963 para desenvolver o Programa Nacional de Analfabetismo (PNA) e elaborar um Plano Nacional de Educação. Porém com a implantação do regime militar em 1964 o trabalho de Paulo Freire foi interrompido, porque de acordo com os militares a Educação de Paulo Freire era uma Educação libertadora que conscientiza o sujeito da realidade na qual ele estava inserido. (BELUZO & TONIOSSO, 2015, P. 198 A 200). E uma Educação libertadora como a de Paulo Freire é tudo que um governo militar não deseja.

De forma a barrar a Educação libertadora de Paulo Freire criaram o MOBREAL – Movimento Brasil Alfabetizado que foi inaugurado em 15 de dezembro de 1967, de acordo com a Lei nº5.379, momento em que o governo assumiu o controle da alfabetização de adultos voltados para as faixas etárias entre 15 e 30 anos. O MOBREAL foi fundado com metas importantes para a população adulta analfabeta, mas fazia o caminho inverso da Educação idealizada por Paulo Freire. (BELUZO & TONIOSSO, 2015, P. 198 A 200).

O MOBREAL foi o grande corolário que o regime militar implantou para substituir o movimento Paulo Freire, dando, posteriormente, na criação do ensino

supletivo que foi produzido pelos governos militares, em resposta ao grande movimento da década anterior, do pensamento freiriano e pelos movimentos da cultura popular com a criação da lei n. 5.692/1971 que pela primeira vez estabeleceu um capítulo específico para a Educação de Adultos, apesar de limitar o dever do estado apenas com a faixa etária dos 7 aos 14 anos. Posteriormente, a constituição de 1988 que ampliou o dever do estado para todos que não tiveram direito a escolaridade básica independente da idade, reconhecendo que o Estado foi incapaz de garantir escolaridade na idade certa aos cidadãos. Destinou a partir daí 50% dos recursos dos impostos vinculados ao ensino, a fim de acabar com o analfabetismo no prazo de dez anos. Apesar das dificuldades, iniciou-se uma intencionalidade política para superar uma desigualdade no plano social. (HADDAD & XIMENES, 2008, p 131, 132)

1.1.2 Lei 9394/1996: Estabelecendo “Novas” Diretrizes e Bases da Educação de Jovens e Adultos

Contudo, iniciaria um novo capítulo de desqualificação no processo de Educação de Jovens e Adultos com a criação da lei 9.394/1996. Com a entrada do governo Collor (15/03/1990 a 29/12/1992) e em meio às reformas neoliberais, o mesmo fechou a fundação Educar e criou o PNAC – Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania, que morreu antes mesmo de nascer. Seu ministro da Educação, José Goldemberg deu declarações claras sobre o desinteresse pela Educação de pessoas Jovens e Adultas, valorizando o ensino fundamental das crianças e deixando de lado as demais modalidades de ensino, portanto o discurso crescente de inclusão voltava a ser o de exclusão. (HADDAS & XIMENES, 2008, p. 133)

A desqualificação da Educação para pessoas Jovens e Adultas viria com maior força no governo de Fernando Henrique Cardoso, com a aprovação da Emenda Constitucional n. 14/1996. A Emenda mantinha a gratuidade da Educação para os Jovens e Adultos, mas tirava sua obrigatoriedade, diferente do ensino regular onde os pais têm a obrigatoriedade de manter seus filhos na escola. Para tanto o Estado tinha dever de prover a educação de acordo com a demanda de matrícula. Com isso o fim do analfabetismo em dez anos foi por água abaixo, enquanto que nos anos de 1989 até 1996 subvinculava 50% das receitas de impostos dos poderes públicos, a partir de 1997 passou a vincular só 30% na esfera da união. (HADDAD & XIMENES, 2008, p. 136)

Diz o artigo nº 205, da constituição (BRASIL, 1988) que: “A Educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Por tanto, a Educação de Jovens e Adultos faz parte desse processo e é dever do Estado garantir que essas pessoas possam ter da mesma forma que o ensino regular uma Educação de qualidade, afinal o Estado brasileiro só esta cumprindo uma dívida histórica como o público dos Jovens e Adultos que não tiveram a oportunidade de frequentar a escola regular como ressalta Jamil Cury:

A função reparadora da EJA, no limite, significa não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também, o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todo e qualquer ser humano. Desta negação, evidente na história brasileira, resulta uma perda: o acesso a um real, social e simbolicamente importante. (CURY, 2000, p.6)

1.1.3 Lei Do FUNDEB: Financiamento Perene da EJA e sua Consolidação como Modalidade

A Lei nº 11.494, de junho de 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), considera a Educação de Jovens e Adultos como uma modalidade de ensino, e para tanto disponibiliza verba para sua manutenção, o problema, porém é que não faz isso de uma forma justa. Apenas considerar não é suficiente, é preciso dar amparo para que essa Educação seja feita com qualidade e receba o mesmo tratamento que a Educação básica recebe.

A LDB diz que:

No caso da Educação de pessoas Jovens e Adultas, o caráter indutor do Estado é essencial. Diferentemente da Educação fundamental regular, onde há um grande consenso social (particularmente dos pais) sobre a necessidade de as crianças irem à escola, além uma forte pressão para que isto ocorra, no caso da Educação de pessoas Jovens e Adultas é a oferta que estimula a demanda, exigindo, portanto, uma atitude ativa do Poder Público. (HADDAD & XIMENES 2008, p. 132)

O FUNDEB veio justamente com o intuito de fazer o que o FUNDEF não fazia que era atender a Educação infantil, o ensino médio, e, ainda, a Educação de Jovens e Adultos, pois este só atendia ao ensino fundamental. A partir do momento que a EJA

passa a ser uma modalidade da Educação, essa precisa ser tratada como tal, e não é isso que acontece. Como já previa Davies (2006), no livro *FUNDEB a redenção da Educação básica?* O FUNDEB trazia poucos recursos novos para um sistema geral de Educação, pois consiste numa redistribuição de verbas entre o governo estadual e as prefeituras de cada estado, de 20% dos principais impostos vinculados, com base no número de matrículas estaduais (no ensino fundamental – regular e EJA – e no ensino médio – regular e EJA) e municipais (na educação infantil e no ensino fundamental – regular e EJA). De acordo com o artigo de Marcelo Pagliosa Carvalho, ressalta dois questionamentos:

- 1) a limitação de um percentual máximo de quinze por cento dos recursos do FUNDEB para essa modalidade de ensino; e 2) a fixação do fator de ponderação atribuído à EJA de 0,7 do valor de referência estabelecido às séries iniciais do ensino fundamental “regular” urbano no ano de implantação do FUNDEB, menor dentre todas as etapas e modalidades da educação básica.

Sobre as baixas porcentagem atribuída a cada aluno da EJA o governo afirma que era devido ao receio de aumentar o número de matrículas nessa área, contrariando o próprio ideal do FUNDEB que passava a abarcar com todas as modalidades de ensino, e dentro dessas estava incluído a EJA. Entendia-se que o aumento de matrículas na EJA poderia gerar uma diminuição nas demais modalidades de ensino, sobrando assim no fundo verba para ser usada com alunos da EJA, mas o problema se encontra justamente aqui, porque as ponderações de valor atribuído às outras modalidades eram superior às da EJA, o que já influenciava as próprias escolas a optarem por essas modalidades e mais uma vez desvalorizar a educação dos Jovens e Adultos. Segundo Carvalho (2014) mesmo recebendo recursos por estudantes matriculados na EJA, como é o caso deste fundo, muitos governantes municipais e estaduais podem continuar renegando a escolarização das pessoas Jovens e Adultas, como mostram os números de redução das matrículas na EJA pós-FUNDEB.

1.2 O Desafio na Formação de Professores em Educação Física para o Campo da Educação de Jovens e Adultos.

A formação inicial é o processo pelo qual os acadêmicos passam seus anos na

graduação, estudando disciplinas que irão orientá-los em suas futuras atividades docentes:

Ao falar de pesquisa sobre formação inicial de professores deve-se fazer referência quase exclusivamente aos estágios de ensino e ao efeito que eles têm sobre os professores em formação. [...] referimo-nos, pois, ao estudo das características dos sujeitos, das interações que se produzem, das estruturas e conteúdos pragmáticos, dos fatores contextuais e dos papéis que comportam esse processo de formação prática (MARCELO, 1989, apud. MAGALHÃES JÚNIOR *et al*, p. 2)

Por tanto é imprescindível que esses estudantes tenha uma boa formação, com bons embasamentos teóricos, processo este que será fundamental na elaboração de suas aulas, tal como pode-se observar nas seguintes entrevistas:

[...] na minha formação inicial a gente teve pouco embasamento, por exemplo, nas paraolimpíadas eu fui mostrar pros meninos como é a vida de um cego, então eu vendi eles e fiz eles andarem pela escola, foi o auge, esses meninos gritaram, correram, “nossa professora hoje eu vou rezar e agradecer a Deus porque eu enxergo, porque ser cego deve ser muito difícil”, se pudesse ter essa vivência com um cadeirante, mas eu não tenho recurso, pra onde que eu vou procurar? Eu não tive essa formação na faculdade, a gente fez Educação Física e Diversidade, a gente estudou um pouquinho de cego que foi o que eu fiz com eles, língua de sinais, eu nem lembro mais porque foi muito rápido [...] o que eu tenho é o que eu estou procurando, porque eu não tenho como diz o outro uma apostilha, um livro pra me ajudar e o que eu tive na faculdade foi muito pouca coisa, então tudo que eu trago pra eles foi eu que pesquisei. (professora D da escola 4)

Eu não sei se hoje no currículo da Educação Física vocês tem alguma coisa, porque durante minha formação eu não tive nada de EJA, a não ser estudar o Paulo Freire, porque o Paulo Freire ele foi tipo o precursor do ensino para adultos [...] Porque tinha ginástica que na minha época era no segundo ano, que na minha época era anual e tinha ginástica adaptada que era no terceiro ou quarto ano, eu adorava o professor Gerson, ele deu libras pra gente, ele deu noção de como trabalhar com pessoas cegas, por exemplo, mas pro ensino da EJA a gente não teve, não sei como está hoje o currículo, mas na minha época não teve não. (Professor B escola 2)

Por essas falas percebe-se que o pouco que a professora D teve já foi de grande importância para que ela pudesse elaborar uma aula com essa dinâmica. Nota-se que seu, relato de uma vivência rápida dentro da disciplina de Educação Física e Diversidade foram memorável e importante em sua formação. Eu enquanto estudante que finalizo minha graduação agora no ano de 2016 tive a disciplina de Educação Física Adaptada, e posso dizer que dentro disso tive uma gama muito maior de embasamento

para trabalhar com aulas para essas temáticas, realmente em nenhuma disciplina e possível que se saia da faculdade com total domínio do conteúdo, mas um embasamento inicial já é de grande ajuda para dar início no processo. Aqui temos ainda o depoimento de mais dois professores de que não tiveram nenhum respaldo para o trabalho na EJA:

Na UFG eu não estudei nada sobre EJA, eu não tive conteúdo nenhum de EJA, [...] então assim, não tivemos nada, absolutamente nada relacionado com EJA, então assim, pra eu trabalhar no EJA foi um tiro no escuro, e você nadar num oceano sozinho, eu me virei cara, apanhei muito, sabe? Fiz muita coisa errada, apanhei, fui aprendendo na prática, foi criticado, sofri críticas, depois a gente vai melhorando, vai pegando o jeito da coisa, e vai aprendendo a trabalhar, o aluno do noturno não é fácil. (Professor A escola 1)

Isso a gente sempre comenta nos cursos, a gente tem os cursos de formação, não sei se alguém já te falou isso em alguma entrevista, então tem o centro de formação da prefeitura, ai teve uns quatro ano seguido que a gente era obrigado a fazer o curso, não era por adesão era obrigado, então a gente tinha que pegar vamos supor os dias de estudos da gente, se organizar e ir fazer o curso, então dentro desses cursos a gente aprendeu várias coisas, algumas coisas sobre essa realidade, que a gente tem que trazer essa realidade pra realidade do aluno primeiro pra poder dar aula, você tem que olhar umas especificações, fazer uma análise, uns diagnósticos, assim como você faz no ciclo, só que na EJA é diferente, você tem que fazer uma coisa mais profunda porque você esta lidando com adulto, você não esta lidando com criança, então é outra diferença e eu não vi nada na minha faculdade, nada na minha formação, eu fiz estágio na educação infantil ali no antigo colégio do IEG , lá embaixo tem o jardim de infância da prefeitura, já estagiei ali, já estagiei no ensino fundamental só, mas na EJA não, é uma coisa que a gente comenta a maioria dos formados nesses cursos, nós não tivemos nenhuma preparação pra dar aula pra EJA, a gente cai e vai indo. (Professor C escola 3)

A maioria desses professores formou no final e no início dos anos 2000, sendo entre eles dois na Faculdade de Educação Física da UFG, mais ou menos dezesseis anos, depois eu que estou concluindo meu curso posso afirmar que nesses últimos quatro anos também não vi nada direcionado ao Ensino de Jovens e Adultos, e como afirma LÊNIN TOMAZETT GARCIA:

Numa nação de economia dependente, há que se desenvolver a formação de mão-de-obra sem ultrapassar os limites desta dependência. Nos marcos da dependência, a Educação de Jovens e Adultos constitui o mundo burguês da nação brasileira. Sendo uma Educação reprodutora dos laços de dependência, se realiza pela interdição aos protagonismos da classe trabalhadora e pelo reforço à perspectiva do treinamento, tendo o Estado como lócus privilegiado

de garantia destas condições. Enquanto tais determinações durarem no tempo, tal Educação de Adultos é síntese contraditória constitutiva da realidade social brasileira. (GARCIA, 2015.p. 150)

Para tanto, se a Educação de Jovens e Adultos infelizmente não é passageira no Brasil, por que então nos cursos de formação como é o caso da Educação Física não se há um embasamento sobre essa modalidade? Ao menos dever-se-ia tratar dela no curso de formação de professores. Porque no âmbito da Educação física, tanto o Coletivo de Autores, quanto a Crítica Emancipatória não falam dessa modalidade? Já que esse ensino é de certa forma aquele que atende diretamente aos trabalhadores.

1.3 Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos no Âmbito do Município de Goiânia.

O PPP vai além de apenas cumprir com as exigências burocráticas, nele você houve os professores, alunos, coordenadores, diretores e comunidade, faz um diagnóstico de onde a escola esta inserida e de como é o público dela, para então, buscar soluções para os problemas:

O PPP busca um rumo, uma direção. É uma ação intencional, com um sentido explícito com um compromisso definido coletivamente. Por isso, todo projeto pedagógico da escola é, também, um projeto político por esta intimidade articulado ao compromisso sociopolítico e com os interesses reais e coletivos da população majoritária (VEIGA, 1995, e apud BARTONE & SALMASO, 2009, p.2).

Na Proposta Político-Pedagógica da SMEE de Goiânia, observa-se que os princípios balizadores do documento partem do pressuposto de que a Educação Física perpassa pela história da humanidade, e que as relações sociais de poder da sociedade convergem para o corpo, e esta está intrinsecamente ligada ao mercado de trabalho, e dentro deste contexto esta inserido o sujeito trabalhador da EAJA. É nesta relação histórica do corpo na sociedade, que atualmente se fundamenta no mercado que a rede municipal compreende a inserção da Educação de Jovens e Adultos como modalidade. Nesta mesma perspectiva é que a Educação Física está presente nos currículos escolares dessa modalidade. (PPP EAJA, 2012-2014, p. 61)

Enxerga-se a Educação Física relacionada a um fenômeno sócio-político-cultural, e que tem como principal objetivo de reflexão o movimento corporal, e esse

corpo em suas expressões que se produzem ao longo da história humana, e dessa forma compreende-se que há uma linguagem de comunicação do corpo com o mundo, permeada pelas representações da cultura corporal. . (PPP EAJA, 2012-2014, p. 62)

Sendo assim, a Proposta Política-Pedagógica propõe uma Educação Física que trabalhe para que os Adolescentes, Jovens e Adultos desenvolvam os conhecimentos da cultura corporal, formando assim sujeitos conscientes, autônomos, articulados, capazes de perceber, construir e relacionar conhecimentos através do seu corpo, vindo como uma práxis social, como uma linguagem. Para tanto, a Educação Física precisa trabalhar suas abordagens críticas, o professor precisara trabalhar rompendo com as dicotomizações, e para isso precisara levar em conta todo o aparato histórico que o educando trás consigo. Em sua ação pedagógica o professor terá que reconhecer em que paradigmas seus educandos construíram seus conceitos e vivenciaram suas experiências com relação a essa área, valorizando as tradições culturais e o saber prático que esses estudantes já possuem. Conhecimentos esses que precisam ser mediados junto aos conhecimentos que serão transmitidos pela escola.

Aqui a diversidade que poderia ser um problema passa a ser a oportunidade do educador de dialogar com esse público, trabalhando preconceitos e discriminações sociais, as diferenças de gênero, geração, etnia e até de estilo de vida, tornando assim, o educando um ser com diferentes possibilidades de atuação e de auto-estima. O que poderia ser um obstáculo passa a ser um meio de o professor poder trabalhar.

A PPP do município de Goiânia propõe que:

O procedimento didático nas aulas de Educação Física pode ser estruturado por meio de processos tematizadores, fato que irá respeitar as competências do educando e ampliar suas habilidades através da experimentação científica e/ou representação simbólica, da verificação in loco das possibilidades de transformação de si e do seu meio, de seu corpo e das relações que construirá a partir desse momento. No processo de tematização, o professor precisa conhecer o assunto, desenvolver estratégias mediadoras, estabelecer relações entre a atualidade do saber e sua gênese histórica e ter claro que o conhecimento possui níveis diferenciados de complexidade. (PPP EAJA, 2012-2014, p. 63)

Para tanto o educador precisará trabalhar com o educando de forma que ele vivencie e problematize a gama de elementos da cultura corporal, elaborando seu conhecimento através da práxis educativa, da experimentação científica, da união da prática com a teoria. O PPP aponta para uma Educação em processo coletivo, tanto nos modos de ensinar, quanto nos de aprender.

1.4 Educação Física e Educação de Jovens e Adultos: Ciência em Movimento.

Fazendo uma pesquisa sobre o Estado da Arte das pesquisas em Educação Física de Jovens e Adultos, o que se encontra é o seguinte:

Um artigo de Pich e Fontoura publicado em 2013 na revista *Educación Física & ciência*, volume 15, numero 1, pesquisa realizada na Educação Física em uma escola de Educação Jovens e Adultos na cidade de Curitiba (PR), usando da etnometodologia, chegaram a conclusão de que a Educação Física resulta em uma disciplina teórica, ficando de frente para o paradoxo de romper como a Educação Física apenas como uma atividade física, mas também relevando uma necessidade da experiência corporal para a elaboração da teórica.

Ou outro artigo de Reis e Neto, foi feito um estudo de caso com oito estudantes, tentando entender o sentido que os estudantes trabalhadores da EJA atribuem para a Educação Física escolar, foi feito em forma de entrevista semiestruturadas, de observação, análise e diário de campo. Tendo como resultado que a Educação Física necessita ser estuda como uma disciplina, mas não produz mudanças significativas nas atitudes dos estudantes.

Duas dissertações, sendo uma de Reis, dissertação de mestrado de 2011 apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação usada para publicação do artigo citado acima.

E uma tese de Pereira, apresentada em 2013 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, realizada junto a professores da Rede Municipal de Ensino de São Leopoldo, município do Rio Grande do Sul. Usando como referencial teórico as contribuições de Paulo Freire para a EJA, Educação Física e escola e Formação de saberes docente. O método se deu a partir do Grupo de Discussão com 4 encontros com professores, para a discussão de várias temáticas pertinentes aos objetos traçados, fazendo ainda uma observação participante, um diário de campo, análise de documentos, entrevistas com coordenadora e professoras da EJA. Chegou se há um total de três categorias de análise: “Ser professor da EJA”, “Formando-se professor” e “Educação Física: entendimentos e trabalhos coletivos”. Ao final da investigação compreendesse que lecionar na EJA é um desafio que perpassa pela necessidade de entendimento de quem é o aluno que frequenta os bancos da EJA e por uma formação que ainda é incipiente.

CAPÍTULO 2

MEDIAÇÕES DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO EM EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

2.1 Cultura Corporal na Educação de Jovens e Adultos: o Trato Pedagógico

A LDB (1996) nos orienta que a inclusão da Educação Física na modalidade de Educação de Jovens e Adultos possibilita o acesso desses educandos à cultura corporal. Porque será com esse universo de informações, vivências e valores que o cidadão vai conseguir constituir instrumentos para promover a saúde, utilizar criativamente o seu tempo de lazer e de expressão de afetos e sentimentos nos mais diversos aspectos. Com isso a Educação Física na escola, pode e vai constituir um instrumento de inserção social, de exercício da cidadania e de melhoria da qualidade de vida.

O que foi possível observar por meio das entrevistas é que os professores entrevistados tentam na medida do que é possível construir a importância da Educação Física para esses adolescentes, Jovens, Adultos e idosos que não tiveram oportunidade de estudar no tempo de escolaridade regular, trabalhando com aulas que demonstram a importância das práticas corporais em especial pra essa faixa etária que em sua maioria chega às escolas cansadas de um dia de trabalho. Isso fica claro que é realizado por eles em várias falas como, por exemplo:

[...] eles não tinham noção que o exercício físico podia trazer benefícios psicológicos, que pode trazer redução de níveis de diabetes, hipertensão, então eles não tinham noção disso e estão mostrando muito interesse de aprender principalmente os conteúdos de anatomia e de como seu corpo funciona e, exercício físico e saúde, então estes são conteúdos que dão certo pra realidades das duas escolas [...] (Professor D da escola 4)

[...] conteúdos que estão relacionados ao corpo e justamente pra eles conhecerem melhor o seu corpo, pra tomarem consciência da sua condição, da sua realidade muitas vezes que eles não têm que a gente pode fazer isso através dos conteúdos da Educação Física, através do trabalho prático a gente trabalha todo o trabalho de coordenação, lateralidade, coordenação motora fina, que a gente tem consciência que trabalham mais muitas vezes eles não tem [...] (Professor B da escola 2)

[...] a Educação Física pode melhorar e muito a qualidade de vida desses alunos que estudam a noite e que principalmente eles vêm de

uma condição de trabalho, condição de vida que não permite a eles ter acesso a atividade física, ter acesso a informações sobre saúde, sobre tudo que é inerente a Educação Física pra eles é mais difícil [...].
(Professor A da escola 1)

Com essas falas fica bastante evidente que os professores se esforçam para realizar uma Educação Física que trabalha a corporeidade como objeto da elaboração da cultura corporal, isso na parte teórica ocorre de maneira bem tranquila em relato de todos os professores, o grande problema, porém, se encontra na parte das expressões corporais de vivenciar todo esse processo e aqui temos diferentes dificuldades que impede de levar tudo isso adiante.

Um dos principais motivos da dificuldade de trabalhar uma Educação Física coerente com sua linguagem, que é o movimento com eles vem do afastamento escolar como diz o professor C da escola 3, anexo 3 [...] *a evasão escolar porque assim, o aluno vem hoje e amanhã ele já não vem depois de amanhã ele vem, ai ele vem uma semana e passa duas sem vir, acho que é uma grande dificuldade pra você ter uma sequência de conteúdo[...]*. Isso implica em uma grande dificuldade de realizar a maioria das práticas corporais, sendo que em sua maioria são atividades que exigem uma quantidade adequada de participantes para ser realizada, o mesmo professor ainda continua [...] *vamos supor que eu tenho seis salas com setes alunos, mais ai no fim do ano eu chego com um dois alunos frequentes, como é que eu vou dar aula de Educação Física?[...]*.

Outro fator bastante evidenciado pelos professores é a não aceitação dos alunos pela parte de atividades corporais da disciplina, os jovens em especial não têm essa dificuldade, mas os idosos sim, na impressão deles as aulas que são realizadas em forma de jogos e atividades corporais não são consideradas aula. Aula pra eles é ler e principalmente escrever, a esse respeito, temos as seguintes declarações: [...]. *Tem também a coisa do “a gente que escrever e aprender a ler professora” [...]*, professora C, escola 3, anexo 3 [...] *mas tem que ter escrita, mesmo no dia das aulas práticas, se você não der uma escrita[...]*, professor B, escola 2, anexo 3.

Isso fica bem evidenciado a partir de um relato de uma professora sobre um grupo de formação que ela participa:

[...] Nós participamos, nós do primeiro segmento de uma formação que a gente se encontra, vários professores de Educação física do

primeiro segmento da EAJA, uma vez por mês pra discutirmos justamente essas questões, tem muitos professores que eles insistem na aula prática, e de acordo com o discurso deles muitas vezes na escola ele é cobrado pela própria coordenadora a dar aula teórica, porque os alunos estão reclamando que não tem aula tem teoria [...].

Outros fatores que dificultam as aulas de Educação Física, são as limitações físicas desses alunos que são em sua maioria pessoas de idades avançadas e com problemas de saúde. Existem também os problemas com a estrutura física da escola, como atualmente a prefeitura de Goiânia tem trabalhado com o Coletivo Único¹ em todas as escolas que eu fui os professores relataram durante as entrevistas problemas de outras escolas, chegando inclusive a fazer comparação de uma com a outra, sobre estrutura física e matérias para a realização da prática pedagógica:

[...] Primeiramente com relação ao meu caso que eu trabalho em duas escolas, uma eu tenho um potencial de estrutura física muito grande que essa aqui que é o escola 1 e já na outra que é no Urias que é a escola 5 tem uma estrutura muito precária, realmente a Educação Física lá é colocada não em segundo plano, mas em terceiro, lá o espaço é muito difícil lá. [...] dificuldades de materiais, não se tem um padrão de material em todas as escolas, fica assim a critério dos gestores adquirirem esses materiais e ai como o gestor não tem muita experiência com marca, acaba comprando coisas de má qualidade, que duram às vezes nem um mês, mas no geral a gente tem tido um bom respaldo com relação aos materiais aqui na escola 1, lá na escola 5² tem tido dificuldade com a gestão lá [...] (Professor A escola 1)

[...] aqui na escola 4 nem tanto porque nos temos uma estrutura física boa, na escola 6³ a escola tem quatro andares, tem o andar superior onde tem aula, tem o andar de baixo que é onde a gente entra que é a secretaria, tem um andar inferior que é onde fica o refeitório e a quadra que fica lá atrás no quarto andar pra baixa, ainda é pra baixo, então assim, é muito complicado, muita burocracia, muita chave pra abrir, pra chegar na quadra é um negócio que tem que pegar chave de não sei quantos portões, tem que abrir a sala de Educação Física pra pegar a bola pra descer e os alunos fazem bagunça e a questão da disciplina e indisciplina conta muito[...] (Professor D escola 4)

A Educação Física como componente curricular na Educação de Jovens e Adultos enfrenta uma crise de legitimação e de identidade sobre o seu objeto de conhecimento e sobre a forma de sistematização do seu saber escolar. De tal forma que os professores não sabem claramente como justificar o que ensinam, como ensinam, e

¹ Um mesmo professor reveza em duas escolas diferentes, as aulas são programadas todo início de semana, revezamento feito em todas as disciplinas.

² Nome fictício para a escola mencionada

³ Nome fictício para outra escola mencionada

muito menos sabem como justificar isso aos alunos que em sala de aula querem ora atividades que se integrem subordinadamente à dinâmica da alfabetização, ora querem atividades que os ajudem com a questão do cansaço pelo trabalho diário.

2.2 Possibilidades e Dificuldades na Organização do Trabalho Pedagógico na EJA

Os professores da EJA enfrentam os mais variados problemas em relação ao desenvolvimento de suas aulas, mais durante as entrevistas deram vários caminhos que poderiam ser trilados para que esse ensino fosse mais bem trabalhado, um deles seria um maior incentivo por parte da prefeitura, por dois motivos; maior acesso a cultura e número maior de alunos matriculados e frequentando as aulas, veja só:

[...] o ideal fosse que esse pessoal do noturno fosse um pouco mais assistidos, a gente entendi que o EJA fica um pouco meio que abandonado, assim vou te dar um exemplo, as escolas do diurno, o vespertino e o matutino você tem a possibilidade de passeio no Mutirama, no teatro, em coisas, essa possibilidade que no noturno ela já cai digamos 80%, e nos temos muito pouco passeios, muito pouco possibilidades de estar trabalhando com esses alunos fora da escola, que é uma coisa que é importante demais, nos vivemos momentos na prefeitura que a gente tinha quatro, cinco passeios no ano, à gente ia ver peça de teatro no SESI, no SESC, a gente ia ver música no campus da UFG, [...] porque são carentes de cultura, são carentes de assistência do estado, da prefeitura mesmo, a gente vê que são pessoas que não tem acesso muito ao lazer, áreas de lazer, não tem acesso a coisas básicas, saúde e assim por diante, então a gente enfrenta essas coisas que acabam fazendo com que a gente não entenda que não esta no ideal. (Professor A)

Ainda sobre a falta de incentivo da prefeitura comenta o professor C:

[...], além dos problemas que a gente enfrenta da evasão, a gente às vezes não tem incentivo às vezes da prefeitura, da própria prefeitura de fazer uma campanha pra ter alunos na escola, então à gente vive sobre o risco de fechar a escola, turma e tal. [...] mas assim quando eu entrei tinha mais de noventas instituições, hoje a gente tem cinquenta e poucas, e a cada ano a prefeitura fecha mais, esse ano vai fechar mais duas [...]

O mesmo ainda me questiona a observar como todo começo de ano a prefeitura faz toda uma propaganda de incentivo a Educação Básica, e me diz: repara se você verá algo voltado pra EAJA lá.

O aumento no número de alunos de acordo com os professores aumentaria a oportunidade de trabalhar melhor os conteúdos da Educação Física, outra sugestão para realização de um trabalho mais competente seria de materiais melhores e de outras

variedades, como por exemplo, jogos de tabuleiro, mas que esse fosse um material de uso próprio dos alunos da EJA, que houvesse um material específico para eles, porque os que têm são usados pelas crianças do ciclo e os mesmo estragam e deixam tudo misturado, o que faz com que o professor demore um tempo considerado da aula para a organização do mesmo que da próxima vez estará nas mesmas condições, salientando que o tempo de aula do noturno é menor que do diurno e vespertino:

[...] EJA precisava ter o material dela domino, jogos de tabuleiros, tudo é dividido com o ciclo, você arruma o jogo de dominó certinho hoje, amanhã ele está todo bagunçado de novo faltando peças porque a professora entrega para os alunos jogarem dominó? Não, como é que o ciclo um joga dominó? Ela entrega para eles fazerem casinha, um, dois, três pacotes de dominós e lá eles bagunçam de novo e todo vez tem que arrumar e ai eu perco dez minutos da aula e então os alunos reclamam [...]. (Professor D)

Pra finalizar o professor D da escola 4 faz uma sugestão de duas ideias bastante interessantes:

[...] essa questão de ter um auxiliar, ou não, sei promover mesmo, não é bolsa estágio, mas alguma coisa que chamasse pode ser sim pessoas que estejam em formação, pra vir pra escola, pra aprender a dar aula na EJA, porque no ciclo tem muito, mas na EJA não tem. [...]

[...] outra coisa que eu acho que seria interessante seria uma apostila pra Educação Física, naquela última discussão da reescrita que teve na secretaria nos tivemos uma professora que indagou o seguinte: o por que do professor de geografia, história, matemática, de todas as matérias ele tem algo que ele tem que trabalhar nas aulas na sexta série, todos os professores da rede trabalham o mesmo conteúdo em geografia, história, outra coisa que eu acho que seria interessante seria uma apostila pra Educação Física. [...]

Primeiro que seria bastante interessante a ideia do estagiário porque daria oportunidades para alunos que estão em formação de terem um contato com esse universo, relata o professor B que levou um choque quando foi trabalhar a noite e estava acostumado a trabalhar só com crianças do ciclo [...] eu sofri muito porque eu tentei no início fazer igual eu fazia no ciclo aula prática todo dia, e eu sofri e fiz os alunos sofrerem, [...], portanto, estaria aqui uma boa solução para os dois problemas, o professor teria uma ajuda e o estagiário uma melhor formação. Segundo seria a apostila, como indaga a própria professora porque todos têm e a Educação Física não, se todas as disciplinas têm essas apostilas para auxiliar o caminho, até mesmo a disciplina de inglês como indaga a própria professora, por que não a Educação Física? Mas como salientar isso com os depoimentos dos próprios professores sobre o descaso da prefeitura com essa modalidade de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decreto de Lei Nº 10.793 (BRASIL, 2003) a Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da Educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno:

I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas;

II – maior de trinta anos;

III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da Educação Física;

Os pontos facultativos salientam para uma Educação Física para algo mais próximo a uma atividade física do que para algo educativo, deixando obrigatório para a Educação básica e liberada por vários desses casos acima que estão relacionados aos estudantes da EJA. Pode ser por isso que se percebe pelas entrevistas é que a Educação Física trabalhada na EJA, que prioritariamente acaba sendo oferecida no período noturno é uma Educação Física muito teórica se diferenciando bastante inclusive da dos períodos matutino e vespertino que acaba sendo muito física no uso do “quarteto fantástico” ou com o famoso “rola bola”. Dentro dessa parte teórica como eu próprio tive a oportunidade de assistir, que era de nutrição, trabalha se os conteúdos da área da Educação Física, mas o professor acaba mais dando uma aula de língua portuguesa do que necessariamente uma de Educação Física. Talvez por isso quando eu perguntei como era a relação da Educação Física com os demais sujeitos da escola os entrevistados salientaram não terem problemas com os demais considerarem a disciplina inferior às outras, fato bastante comum nos períodos do dia, o professor de Educação Física como aquele que não tem muito o que ensinar e fica responsável por organizar todas as festas comemorativas da escola, pode ser justamente por ela ser usada muito teoricamente a noite que não sofra esse problema, já que para alguns isso é ter aula e fazer algo prático na quadra não.

Partindo do conceito de Educação de Saviani (1984), que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, que se diferencia dos animais no sentido de que necessita produzir continuamente sua própria existência. Ele não se adapta a natureza, ele a transforma, faz isso em forma de trabalho. Ao fazer isso ele cria o mundo humano,

cria uma cultura. A educação é uma exigência para o processo de trabalho, portanto, um processo de trabalho. Continua SAVIANI:

Compreendida a natureza da educação nós podemos avançar em direção à compreensão de sua especificidade. Com efeito, se a educação, pertencendo ao âmbito do trabalho não-material, tem a ver com conhecimentos, idéias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades, tais elementos, entretanto, não lhe interessam em si mesmos, como algo exterior ao homem. (SAVIANI, 1984, pag. 2)

Enquanto que a Educação Física segundo o COLETIVO DE AUTORES (1992):

Nessa visão de uma Educação Física transformadora é que a concepção de ensino crítico superadora se embasa: no discurso da justiça social, no contexto da sua prática. Busca levantar questões de poder, interesse e contestação; faz uma leitura dos dados da realidade à luz da crítica social dos conteúdos. Ela pode ser tida como uma reflexão pedagógica e desempenha um papel político-pedagógico, pois encaminha propostas de intervenção e possibilita reflexões sobre a realidade dos homens. Tratar desse sentido/significado abrange a compreensão das relações de interdependência que jogo, esporte, ginástica e dança, ou outros temas que venham compor um programa de Educação Física, têm com os grandes problemas sócio-políticos atuais como: ecologia, papéis sexuais, saúde pública, relações sociais do trabalho, preconceitos sociais, raciais, da deficiência, da velhice, distribuição do solo urbano, distribuição de renda e outros (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Ou seja, a Educação Física é um componente curricular de cunho transformador da realidade dos estudantes e assim como as demais disciplinas devem e precisam ser ofertada na EJA, com professores capacitados de todo esse aparato de forma a dar uma educação de qualidade.

No plano legislativo que é anterior a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei n. 5.692/1971, que foi produzida por governos militares, foi uma contraposição ao pensamento freireano, com a intenção de escolarizar aqueles que não puderam frequentar a escola durante a infância ou adolescência. Vindo de um governo conservador, essa era a primeira vez que se estabeleceu um capítulo específico para a Educação de Jovens e Adultos, mesmo que essa se limitasse ao dever do estado à faixa etária dos 7 aos 14 anos.

Mas foi a partir da Constituição de 1988 que o Estado passou a ter o dever para com todos que não tiveram a escolarização básica, independente da idade, passando a ter tanta importância quanto o ensino infantil, reconhecendo que foi incapacidade da sociedade garantir escolaridade básica para eles no devido tempo. Esta determinação constitucional abre então pela primeira vez na constituição do Brasil, um precedente que mais tarde será bandeira de luta das classes populares. Surge assim então em 1996 na LDB a EJA.

No que consiste a EJA:

O Ensino de Jovens e Adultos no Brasil (EJA) está inserido na meta do Estado brasileiro de erradicar o analfabetismo juntamente com a de proporcionar à população cuja faixa etária não se adequa mais ao ensino fundamental e Ensino Médio, a complementação de sua formação escolar. Embora as cartilhas do governo enfatizem a necessidade de promover entre os sujeitos do EJA o aprendizado para a formação escolar, também está enfatizada a formação de sujeitos sociais críticos e aptos a lidar com as exigências de um mundo em transformação. Mas o que se observa, na prática, são pessoas voltando aos bancos das salas de aula em busca de uma certificação básica, a fim de, em sua maioria, estarem mais aptos ao mundo do trabalho. (ROMANZINI, 2013, S/P)

Como se percebe a concepção que trouxemos sobre Educação, sobre Educação Física e sobre ensino na EJA estão interligados, e que se têm em comum é o entendimento que deve-se ensinar conhecimentos advindos de acúmulos históricos e científicos construídos pela humanidade durante os anos, mas esse é um direito de todos, independente da idade e a Educação Física faz parte desse universo.

Para tanto, como apontam as próprias diretrizes curriculares a Educação Física precisa trabalhar com os Adolescentes, Jovens e Adultos de maneira com que eles desenvolvam os conhecimentos da cultura corporal, fazendo isso com o seu corpo, compreendendo-o como uma práxis social, uma linguagem. Trabalhando isso por meio de suas abordagens críticas, levando em conta o que o sujeito já traz em sua história, respeitando as tradições culturais e o saber prático, ou seja, trabalhando uma Educação Física que não separe teoria de prática, mas faça uso da parte teórica para o ensino dos conhecimentos da própria área e que utilize da parte prática paralelamente, afinal a Educação Física é isso, um conjunto de teoria com prática, e em todas as modalidades da Educação ela precisa ser trabalhada dessa forma, mesmo com a dificuldade que se apresenta por parte desses alunos que o professor possa saber fazer um diálogo de forma

a demonstrar e convencer seus alunos trabalhadores a respeito da importância que a disciplina tem para eles.

Cabe ao professor organizar uma sequência pedagógica que atenda aos objetivos propostos de contribuir no desenvolvimento motor, nos aspectos cognitivos, sócio emocional, autoconhecimento e de autoestima numa forma de incluir o aluno dentro de todo esse processo. Afinal o aluno da EJA é o estudante trabalhador e a Educação Física de acordo com o COLETIVO DE AUTORES (1992) tem cunho transformador e político-pedagógico, que é exatamente o que esse público precisa.

Está nítido e claro que a EJA ocupa lugar em nossa sociedade de forma profunda, e de acordo com o cenário social ao qual estamos atualmente inseridos ela não será passageira. Muitos ainda deixaram de cursar seus estudos no devido tempo, e estes assim que tiverem a oportunidade voltaram para a sala de aula. Afinal o mercado de trabalho exige que os trabalhadores se formem em níveis cada vez mais avançados.

O que fica evidente durante os estudos que pude conhecer e também nesta pesquisa, é que há um descaso por parte dos governantes que ofertam essa modalidade de ensino, mas não dão o suporte adequado a ela, e se o Estado opera com tal descaso, os cursos de formação inicial em Educação Física não avançam em relação a esse descaso, pois não prepara o futuro professor para lidar com esse público que está aí e infelizmente dever perdurar ainda por um bom tempo.

Para tanto fica evidenciado e aqui a pesquisa precisa ser mais aprofundada para melhor confirmar isso que os professores possuem uma dificuldade em trabalhar o vasto campo da cultura corporal em sua totalidade que é ofertado pela Educação Física, na modalidade da EJA. Isso por falta de uma instrução na formação inicial e em parte pela reação dos alunos a essa disciplina, os mesmos que ficaram anos sem estudar e entendem que estudar é ficar dentro de sala escrevendo e lendo, e que uma Educação Física prática seria uma espécie de “*não aula*” e, que eles já perderam tempo demais sem aula no decorrer da vida, com isso o professor acaba se deixando levar pela vontade do aluno porque ao aluno da EJA tem uma facilidade muito grande em abandonar novamente a escola e qualquer motivo o leva a fazer isso, mas esse jeito pode levar o professor a deixar de selecionar, e sistematizar pedagogicamente o conteúdo, da maneira correta, ou pelo menos, de forma que ampliasse o universo corporal dos alunos.

Por fim, o estudo aponta para que haja um olhar mais atento dos governantes para essa modalidade de ensino e que nos cursos de formação seja ofertando para os

alunos as formas de se trabalhar com esse público, em especial na Educação Física com o coletivo de autores de falar sobre a transformação do sujeito, transformação essa extremamente necessária ao sujeito trabalhador da EJA, que isso pudesse ser tema de discussão dentro das disciplinas de estágio obrigatório, que nos leva a campo da Educação básica, e, a seguir desta forma, o que temos pela frente será algo como nos relata um professor durante as entrevistas: [...] *“pra eu trabalhar na EJA foi um tiro no escuro, e você nadar num oceano sozinho, eu me virei cara, apanhei muito”* [...] professor A, escola 1, anexo 3.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, PORTAL DA EDUCAÇÃO. **Projeto Política-Pedagógica** <http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espacovirtual/espaco-jornada-pedagogica/artigos-e-textos/ppp-uma-perspectiva-de-identidade-no-exerc%C3%ADcio-da-autonomia.pdf> > Acessado em : 25/11/2016 as 17:45

BELUZO, Maria ferreira, TONIOSSO, Pedro José, **O Mobral e a Formação de Adultos: Considerações Históricas**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro- SP, 2 (1): 196-209, 2015.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da Republica Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. 441p.

_____. Congresso Nacional. Lei Federal nº 5.692, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, de 11 agosto de 1971.

_____. Congresso Nacional, Lei Federal nº 10.793, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, de 1º de dezembro de 2003.

_____. Senado Federal, Lei Federal nº 5.379, de 15 de dezembro de 1967

CARVALHO, M.P. **O financiamento da EJA no Brasil: repercussões iniciais do FUNBED**. IN: CONGRESSO IBERO AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINSTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 2014.

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

DAVIES, N. **Funbeb: a redenção da educação básica? Polêmicas do nosso tempo**, Campinas, SP (2008).

GAMBOA, Silvio Ancisar Sánchez. (2003). **Pesquisa Qualitativa: superando tecnicismos e falsos dualismos**.

GARCIA, T. L. **O Ciclo da Revolução Burguesa Tupiniquim e a Educação de Adultos no Brasil**. 2015. 160 f. Tese (doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiás. 2015.

GERHARDT, Tatiana Angel; SILVEIRA, Denise Tolfo. (2009). **Métodos de pesquisas**.

GOIÂNIA, Prefeitura Municipal. **Proposta Político-pedagógica da Educação de Adolescentes, Jovens e Adultos.** Goiânia: Secretaria Municipal de Educação/SME, 2013. 97 P.

GOIÁS, SEDUCE. **Diretrizes Operacionais.** Disponível em <<http://portal.seduc.go.gov.br/SiteAssets/Lists/Noticias/AllItems/Diretrizes%202016-2017%20-%20ENSINO%20M%C3%89DIO.pdf>> Acessado em: 26/11/2016 às 14 horas.

HADDAD, Sérgio; XIMENES, Salomão. **A Educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB: um olhar passado dez anos.** In: BRZENZINSKI. Iria (org.). LDB dez anos depois: reinterpretação sob diversos olhares. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

KOPNIN, Pável Vassilievich. (1978). **A Dialética como lógica e teoria do conhecimento.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

MAGALHÃES JÚNIOR, Reinaldo Passos et all. **Formação de Professores em Educação Física e a Escola Como Tema de Pesquisa Monográfica.** In Anais do XIX CONBRACE e VI CONICE – ES, 2015. 3 págs.

PADILHA DOS RIES, José A., MOLINA NETO, V. **“Pensei que tava na aula de ciências” ou os significados da Educação física na Educação de Jovens e Adultos.** Pensar a Prática, Goiania, v. 17, n.3, p. 636-650, jul/set. 2014.

_____. **As trajetórias de vida dos estudantes trabalhadores da Educação de Jovens e adultos: os significados da Educação Física um estudo em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre.** 2011. 2118 f. dissertação (mestrado em Ciências do Movimento do Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011

PEREIRA, R. R. **Diálogos sobre a Educação Física na Educação de Jovens e Adultos numa perspectiva Freireana.** 2013. 163 f. Tese (doutorado em Educação)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2013

PICH, S.; FONTOURA, M. P. **A cultura escolar da Educação Física no EJA: O paradoxo entre a ruptura com a noção de atividade e a falta da prática corporal.** Educación Física y Ciencia, v. 15, n. 1, 2013.

ROMANZINI, Beatriz. (2013). **EJA- Ensino de Jovens e Adultos e o Mercado de Trabalho. Qual ensino? Qual Trabalho?**

SAVIANI, Demerval. **Sobre a natureza e especificidade da educação. Pedagogia histórico-crítica.** 8. Ed. rev. Ampl. Campinas (SP): Autores Associados, 2003.p. 11-12.

THIOLLENT, Michel (1999). **Notas para o debate sobre pesquisa-ação**. In C. R. Brandão (ORG.), repensando a pesquisa participante (pp. 82-103). São Paulo: Brasiliense.

ANEXOS

ANEXO 1 TERMO DE CONSENTIMENTO

Termo de consentimento livre e esclarecido

O Sr (a) esta sendo convidado (a) a participar, de forma voluntaria de uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que esta em vias, sendo uma sua e outra do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do projeto: COMO É DESENVOLVIDO O TRABALHO PEDAGOGICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. Trata-se de uma pesquisa realizada para a minha monografia de graduação da Universidade Federal de Goiás. Eu, Juliano Coelho Capuzzo, juntamente com meu orientador Lênin Tomazett Garcia, estou responsável pela referida pesquisa e em caso de duvida ou reclamação, você poderá entrar em contato, a qualquer momento, no telefone (62) 999019418.

A pesquisa tem como objetivo saber se tem e se como são realizadas as aulas de educação física nas escolas da rede municipal de Goiânia que possuem EJA, analisando as abordagens pedagógicas, a aceitação dos alunos e as dificuldades enfrentadas por esses professores, contribuição da educação física para esses alunos, relação escola e Educação Física e formação inicial.

Informamos ao Sr (a) que durante a entrevista alguns questionamentos poderão causar constrangimento ao expor suas opiniões para o pesquisador. Para minimizar e evitar isso, as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Nenhuma publicação partindo destas entrevistas revelará o seu nome.

Para a obtenção dos dados coletados, contamos com sua participação na entrevista. Asseguramos que as informações fornecidas serão sigilosas e utilizadas para

fins de pesquisa e ensino, cujos resultados poderão ser publicados em revistas científicas e congressos.

Colocamo-nos a disposição para mais esclarecimentos que se fizerem necessários.

Eu li este termo de consentimento e concordei em participar desta pesquisa.

Nome do (a) participante da pesquisa: _____

RG: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Pesquisador principal: _____

Instituição: _____

Endereço: _____

Telefone: _____

Goiânia (GO), ___/___/___

ANEXO 2

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

Pesquisado: Juliano Coelho Capuzzo
Orientador: Dr. Lenin Tomazett Garcia

Roteiro de Entrevista

- Qual a contribuição que a Educação Física pode oferecer ao público do EJA?

- Quais as dificuldades que a Educação Física enfrenta na EJA para a realização do seu trabalho pedagógico?

- Como você na docência pensa que deveria ser o ensino da Educação Física na EJA

- Qual a distância entre o que você acredita para a Educação Física na EJA e o que realmente você consegue realizar nas aulas?

- A relação: Educação Física e demais sujeitos escolares: o que entendem por Educação Física gera problemas nas suas aulas?

- Formação inicial?

ANEXO 3

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

A forma como é trabalhado o componente curricular no ensino da educação física na Educação de Jovens e Adultos

Pesquisado: Juliano Coelho Capuzzo
Orientador: Dr. Lenin Tomazett Garcia

Escola 1

Professor A

- Qual a contribuição que a Educação Física pode oferecer ao público do EJA?

Eu considero a educação física como uma matéria que pode contribuir muito, não fica devendo em relação a nenhuma das outras matérias, mesmo porque nos temos uma grade igualitária, onde todas as disciplinas são consideradas iguais e a Educação Física pode melhorar e muito a qualidade de vida desses alunos que estudam a noite e que principalmente eles vêm de uma condição de trabalho, condição de vida que não permite a eles ter acesso a atividade física, ter acesso a informações sobre saúde, sobre tudo que é inerente a educação física pra eles é mais difícil, certo, então eu considero a Educação Física primordial, que a gente pode desenvolver com eles um trabalho que eles possam participar sem discriminação, que eles possam participar daquilo que eles conseguirem fazer, não são obrigados a nada, nos não obrigamos eles a fazerem a atividade Física, eles fazem de livre e espontânea vontade e naquilo que e consentido entre mim no caso e eles estarem fazendo, não exijo nada, não faço nada difícil pra eles, então assim, aqui no colégio nos temos uma questão do baixo numero de alunos e isso dificulta ainda mais o nosso trabalho, porque você com um grupo reduzido suas possibilidades diminuem um pouco, mas no geral a gente tem trabalhado bem e tem mostrado pra eles principalmente a importância da Educação Física, que os alunos tem

dito essa dificuldade.

- Quais as dificuldades que a Educação Física enfrenta na EJA para a realização do seu trabalho pedagógico?

Bom, são várias dificuldades, primeiramente com relação ao meu caso que eu trabalho em duas escolas, uma eu tenho um potencial de estrutura física muito grande que essa aqui que é o Amâncio e já na outra que é no Urias que é o Maria Helena tem uma estrutura muito precária, realmente a Educação física lá é colocada não em segundo plano, mas em terceiro, lá o espaço é muito difícil lá. A gente entende porque tem que entender, porque a escola tá inserida naquele contexto ali, não tem como ele fugir daquilo ali, então assim, a gente passa por essas dificuldades, dificuldades de materiais, não se tem um padrão de material em todas as escolas, fica assim a critério dos gestores adquirir esses materiais e aí como o gestor não tem muita experiência com marca, acaba comprando coisas de má qualidade, que duram às vezes nem um mês, mas no geral a gente tem tido um bom respaldo com relação aos materiais aqui no Amâncio, lá no Maria Helena tem tido dificuldade com a gestão lá, até com a questão também de como a gente trabalha no noturno o aluno está cansado, não estão dispostos a fazer a parte prática, a gente tenta fazer a questão dos jogos de tabuleiros, manter atividades mais moderadas, mas em sala e até nisso eu tenho dificuldade lá, eu não tenho um jogo de dama, um jogo de xadrez, e assim por diante...então essas são as dificuldades, sem falar nas dificuldades dos alunos que acabam sendo dificuldades minhas que é essa questão do aluno vir cansado, muitas vezes o aluno tem essa limitação física por ele já ter uma certa idade, o aluno tem limitação de saúde, então, tudo isso a gente tem que contornando da melhor forma possível e tentando abraçar todo mundo da melhor forma.

- Como você na docência pensa que deveria ser o ensino da Educação Física na EJA?

Eu particularmente não mudaria muita coisa, eu acho assim, que nos precisaríamos ter um respaldo maior na questão do material, porque nós temos a heterogeneidade dos alunos e muito grande, então na mesma hora que eu estou

trabalhando com meninos de 15 anos eu estou trabalhando com um cara de 50, 60, então isso ai eu precisaria ter materiais adequados para cada faixa etária, para aquele que não pode fazer a parte física, a parte pratica, pra aquele que precisa ficar mais parado, então a gente encontra esse tipo de dificuldade. A proposta da rede ela é boa, a gente trabalha realmente, se você for ler realmente ela é muito bonita, reformar o cidadão, desenvolver a consciência critica, mas quando a gente vai levar pra prática, a gente encontra algumas dificuldades que a gente acaba desvirtuando um pouco do caminho, mas a proposta é muito boa eu não mudaria muita coisa não, eu acredito nessa proposta, eu formei na UFG também, conheço a crítica superadora, eu gosto dela, acho que é a mais social, a proposta mais social que nos podemos ter mesmo, então eu gosto muito de trabalhar nessa proposta.

- Qual a distancia entre o que você acredita para a Educação Física na EJA e o que realmente você consegue realizar nas aulas?

Em alguns casos a gente encontra distâncias maiores, em outros casos a gente encontra distâncias menores, nos caímos muitas vezes em algumas ciladas, às vezes muita gente pensa que trabalhar com EJA é fácil, por você pegar aquela população que esta um pouco mais cansada que tem um pouco de limitação, e você acha que é fácil trabalhar, mas não é fácil trabalhar, nos encontramos muitas dificuldades, muitos desafios, os desafios são cotidianos, não é coisa assim de vez em quando, são cotidianos, existe o choque de gerações, existe a questão de o próprio noturno ser um pouco mais generalizado por essa questão de falar que quem estuda a noite, tem essa questão que tem muito mala, tem não sei o que... Realmente Goiânia tem muitas situações de riscos sociais muito grandes, algumas regiões, mas nessas duas escolas especificamente que eu trabalho eu não encontro esse tipo de limitação, que é a questão do risco social, por questão de violência, do trafico de drogas realmente a gente não tem muito isso não. La no Maira Helena a gente teve alguns casos, casos isolados, mais as dificuldades existem, às vezes a gente acaba distanciando um pouco do que a gente pensa que seja o ideal, o ideal fosse que esse pessoal do noturno fosse um pouco mais assistidos, a gente entendi que o EJA fica um pouco meio que abandonado, assim vou te dar um exemplo, as escolas do diurno, o vespertino e o matutino você tem a possibilidade de passeio no Mutirama, no teatro, em coisas, essa possibilidade que no noturno ela já cai digamos 80%, e nos temos muito pouco passeios, muito pouco

possibilidades de estar trabalhando com esses alunos fora da escola, que é uma coisa que é importante demais, nos vivemos momentos na prefeitura que a gente tinha quatro, cinco passeios no ano, a gente ia ver peça de teatro no SESI, no SESC, a gente ia ver musica no campus da UFG, sempre era disponibilizado ingressos pras escolas, por causa dessa crise mundial que acabou afetando Brasil, essa crise que vem afetando o Brasil no geral também, acabou sendo cortado ônibus, foi cortado passeios, então assim, você fica muito amarrado ali só ao ambiente escolar, muito amarrado, então a gente enfrenta essas dificuldades ai que acaba tirando a gente, não que a gente chegue a fazer o que acha que seria o ideal, que seria que o aluno do noturno tivesse mais acesso cultura realmente, porque são carentes de cultura, são carentes de assistência do estado, da prefeitura mesmo, a gente vê que são pessoas que não tem acesso muito ao lazer, áreas de lazer, não tem acesso a coisas básicas, saúde e assim por diante, então a gente enfrenta essas coisas que acabam fazendo com que a gente não entenda que não esta no ideal.

Eu: você sente por parte deles em relação, por exemplo, que muitos trabalham o dia inteiro e chegar aqui e participar de uma aula que é prática, eu já estou cansado e vou fazer uma atividade?

O jovem, o adolescente, nos estamos trabalhado com uma faixa etária cada vez mais jovem, já recebemos alunos de 14 anos, de 15 anos, que era o aluno que devia estar estudando de dia, que não deveria estar trabalhando, que deveria estar estudando de manha e fazendo uma atividade física a tarde, então assim, tem essa questão do aluno que trabalha, que chega cansado, tem o adolescente que estuda a noite por opção da família ou porque ele quer ficar atoa o dia todo e ai gente tem esses desafios ai, mas no geral eu diria pra você que 90% dos alunos eles aceitam bem e participam bem da aula. 90% participam bem!

- A relação: Educação Física e demais sujeitos escolares: o que entendem por Educação Física gera problemas nas suas aulas?

Pouquíssimas vezes eu passei por esse tipo de situação, porque realmente nos trabalhamos de uma forma bem seria, bem sincera com aluno, você tem que mostrar pro aluno que ele é importante, que ele faz parte do contexto, que é digamos a parte mais importante, e ele entendendo isso, ele vai levar a serio, tudo que aluno produz na escola,

tudo que ele faz de positivo ou negativo conta ponto pra ele ou tira ponto dele, então assim, o importante é que o aluno, por exemplo, essa pesquisa que estamos fazendo aqui, que seja dado valor nisso, vamos pra quadra desenvolver uma caminhada, seja dado valor nisso, tudo que o aluno produz no noturno, nem que seja uma atividade dentro de sala, ela tem que ter um valor, por que? Falta muito as aulas, alguns faltam muito as aulas, tem aquela questão do aluno que trabalha e as vezes tem que ficar uma semana fora do colégio, ou um mês, ou dois meses, então uma simples atividade que você passou e o aluno fez você tem que valorizar, ele tem que sentir que aquilo ali vou dado nota, que aquilo ali tem importância... Então temos essas dificuldades, o choque de geração, os novos são mais agitados, mais barulhentos, o pessoal mais de idade é mais calmo, tem a questão da limitação física, eles querem coisa mais moderadas, tem aquela questão do tradicionalismo dessas pessoas que pararam de estudar a muito tempo atrás e retornaram pra eles estudar e só estar dentro de sala copiando alguma coisa, então isso a gente vai levando, vai conversando e vai se entendendo com eles, a minha forma de trabalhar é uma forma que é... Eu sou bem sincero com eles, o que está acontecendo à gente tem que conversar tudo eu converso, o aluno pra confiar em você, você tem sempre que ser verdadeiro com ele, deixar tudo as claras, como você avalia como você vai fazer o que você está trabalhando, porque que você está trabalhando aquilo, eu muitas vezes me faço essa pergunta, como se eu fosse o aluno, “professor pra que que isso aí vai me servir?” Quando eu vou trabalhar um conteúdo eu me coloco no lugar do aluno e me faço essa pergunta “o que que isso aí vai mudar na minha vida?” então o noturno é uma modalidade de ensino que você realmente tem que tomar mais perto do aluno, tem que procurar tem uma maior afinidade, conversar mais com o aluno, não diria ter intimidade, mas você tem que se mostrar mais perto dele e tentar ser o mais amigo dele possível, porque felizmente ou infelizmente o aluno do noturno ele não se apega muito a escola, ele não é muito apegado a escola, então qualquer coisa é motivo pro aluno do noturno deixar de estudar, qualquer coisa, então assim, ele confiando em você, confiando no coletivo de professores ele vai se manter mais fiel, digamos assim a escola. Eu trabalho no EJA desde 2008, então assim, o EJA por ser uma modalidade nova você não tem muitas referências, referencial bibliográfico, o material que está surgindo é de 2010 pra frente, 2012 que começaram a surgir alguns referenciais, mas é uma modalidade de ensino que por ser nova está surgindo, muito estuda, então muita coisa que a gente viveu que a gente vive é com questão de experiência mesmo, você vive na prática, de você ter passado por situações que te fez amadurecer naquele certo

ponto que você vai saber lidar com aquilo lá na frente, então assim, realmente a proposta pro EJA esta sendo reescrita, já teve alguns encontros do pessoal da área da Educação Física, as propostas de cada área esta sendo discutida dentro da sua área, esta sendo discutida, ate teve uma discussão da proposta da Educação Física foi lá no Liceu há mais ou menos duas semanas atrás, estiveram presentes vários professores que trabalham no EJA a noite ou no EAJA, e lá surgiram vários questionamentos, vários pontos lá que foram interessantes de serem trabalhados, e sempre surgem duvidas de professores antigos que estão na rede a muito mais tempo, professores as vezes de 20, 30 anos que elas tem dificuldades de trabalhar, principalmente com o primeiro segmento que é o de primeiro a quarta serie, porque não tem um conteúdo básico pra educação física de primeira a quarta serie, o professor tem que ir atrás disso, primeira a quarta serie do EJA, porque da primeira quarta serie do ensino normal tem nos PCNS, você vai lá e bebe nos PCNS e retira ne, mas pro EJA não tem, então assim, tudo que você vai trabalhar se tem que... Ai o professor cai naquele, vou trabalhar saúde, ai você já entra na área de ciências, vou trabalhar com anatomia, primeira a quarta serie e cansa, o pessoal aqui é evangélico e parou de estudar a muito tempo atrás, então você tem que tomar muito cuidado com o que você fala, se você um trem errado, eu fui dar uma aula a um tempo atrás de primeira a quarta serie e tinha uma aluna atendeu um celular na sala e eu só pedi pra ele, você podia fazer a gentileza de não atender o celular dentro da sala, o aluno não voltou mais na escola, perdemos um aluno porque eu falei pra ele não atender o celular na sala, entendeu? A turma não era minha, eles apegam muito, é igual menino da quinta serie, do ciclo um e dois, ele apega a um professor, geralmente tem professor referencia, o pedagogo ai quando ele vai pra quinta serie ou o sexto ano que ele tem dez professores, ele sente essa dificuldade, e o aluno do primeiro segmento que chama multisseriadas, que é de primeira a quarta serie, que fica primeira, segunda, terceira e quarta serie numa sala só e ai o pedagogo tem que desenvolver um conteúdo pra cada nível, o professor de educação física também cai nessa, eu tenho que ter um conteúdo pra primeira, pra segunda, pra terceira e quarta serie, um não, eu posso desenvolver um conteúdo que todos possam ser trabalhados dentro daquele conteúdo. Uma professora fez essa pergunta lá no encontro lá, na verdade esta se rediscutindo uma mudança ou não na proposta pedagógica do EJA, que ela é pautada totalmente dentro da Critica Superadora.

- Formação inicial?

Formei em 2000, na minha época nos anos de 2000 já tinha entrada aqueles professores que o pessoal chama mais de as áreas críticas, professores mais políticos, que era o caso do Guina, nem sei se o Guina esta lá mais, parece que ele teve alguns problemas, o Fernando Mascarenhas, pessoal entrou lá e tinha aquele choque dos professores que eram mais das áreas filosóficas com os que eram mais das áreas praticas, aqueles professores mais antigos, que era a Nilva, o professor Adriano que trabalhava com basquete, trabalhou futebol também, ele já deve ter saído também, tinha o professor Jose Pedro que dava vôlei pra gente na época deve ter saído também, a professora Mara que era uma maravilhosa professora, que fez o mestrado em Cuba, que na época estava fazendo mestrado e doutorado em Cuba, tinha o professor Nivaldo que aposentou, que se não me engano esta em Brasília trabalhando como professor convidado, eu sei que mudaram muitos professores, mas especificamente focando assim na época que eu estudei, no ano em que eu estava formando, a UFG e a Faculdade de Educação Física estava passando por essas transformações, usava se muito o termo de disciplinas descontextualizadas, tipo professor de biomecânica era um cara que não tinha nada haver com a área de Educação Física, e ele dava biomecânica voltada só pra área de conhecimento dele, o Marcos pegou um parte em biomecânica fisiologia, era um cara que era lá da fisiologia, era lá das áreas do ICB pra lá, que não conhecia nada de Educação Física, pois é, então assim eu vivia, eu sei que melhorou muita coisa.

Eu: mas minha pergunta nesse sentido seria em relação ao próprio EJA?

Na UFG eu não estudei nada sobre EJA, eu não tive conteúdo nenhum de EJA, nos tivemos a prática, inclusive eu tive minha pratica na época foi aqui no Amâncio, era a professora Mara, ai depois passou a ser a Anygleice, ela eu sei que esta lá ainda, que a Anygleice quando eu entrei na UFG ela era estudante , uma pessoa brilhante, eu gosto muito dela, conhecida minha, então assim, não tivemos nada, absolutamente nada relacionado com EJA, então assim, pra mim trabalhar no EJA foi um tiro no escuro, e você nadar num oceano sozinho, eu me virei cara, apanhei muito, sabe? Fiz muita coisa errada, apanhei, fui aprendendo na pratica, foi criticado, sofri criticas, depois a gente vai melhorando, vai pegando o jeito da coisa, e vai aprendendo a trabalhar, o aluno do noturno não é fácil.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

**A forma como é trabalhado o componente curricular no ensino da educação física
na Educação de Jovens e Adultos**

Pesquisado: Juliano Coelho Capuzzo

Orientador: Dr. Lenin Tomazett Garcia

Escola 2

Professor B

- Qual a contribuição que a Educação Física pode oferecer ao público da EJA?

Eu acredito que a contribuição quando eu trago, por exemplo, esses conteúdos que estão relacionados ao corpo e justamente pra eles conhecerem melhor o seu corpo, pra tomarem consciência da sua condição, da sua realidade muitas vezes que eles não têm que a gente pode fazer isso através dos conteúdos da Educação Física, através do trabalho prático a gente trabalha todo o trabalho de coordenação, lateralidade, coordenação motora fina, que a gente tem consciência que trabalham mais muitas vezes eles não tem, trabalho com jogos, com bolas, então eu acho que tudo isso contribui, acho que só.

- Quais as dificuldades que a Educação Física enfrenta na EJA para a realização do seu trabalho pedagógico?

É tudo isso que eu falei, é a questão muitas vezes da gente não poder desenvolver uma sequencia, por exemplo, de aulas praticas, eu conheço, nos participamos, nos do primeiro seguimento de uma formação que a gente se encontra, vários professores de Educação física do primeiro segmento da EAJA, uma vez por mês pra discutirmos justamente essas questões, tem muitos professores que eles insistem na aula pratica, e de acordo com o discurso dele muitas vezes na escola ele é cobrado pela própria coordenadora a dar aula teórica, porque os alunos estão reclamando que não tem aula tem teoria, então essas questões de muitas vezes você não poder desenvolver uma aula pratica porque os alunos não estão dispostos a participar, embora a minha turma todo participe quando eu dou a pratica, muitas vezes em muitas escolas os alunos se negam a participar mesmo, não participam a questão da leitura e da escrita também que os alunos tão trabalhando muitas vezes dificultam na realização de alguma atividade, de escrita se você for dar, ate mesmo a questão da coordenação se eu tivesse dando uma aula pratica hoje você ia ver que embora sejam adultos muitos você percebe o problema de coordenação que eles tem pra fazer muita coisa, a questão religiosa, que é um dos maiores entrave que a gente enfrenta, por exemplo, quando você vai trabalhar conteúdos como dança, como jogos de mesa, por exemplo, aqui tem dias que eu não posso trabalhar jogos de mesa, porque pelo fator religioso eles não aceitam, eles não podem jogar, dança alguns não participam das aulas de dança, porque eles não podem dançar, então esse fator também emperra muito o trabalho, então são varias coisas. Tem a questão da escrita, e não é a questão de não ter escrita de eles escreverem, se fosse assim, nos vamos escrever, nos vamos formular, não é, é a questão do eles copiar, eles querem copiar, as vezes não é nem por falta de capacidade, as vezes eles dão conta, mas eles aprendem tipo assim “as vezes é mais fácil eu esperar a professora fazer no quadro pra mim do que eu tentar fazer aqui, porque eu vou errar mesmo, então eu esperar ela fazer”, mas tem que ter escrita, mesmo no dia das aulas praticas, se você não der uma escrita. Discussão tem turmas que isso não funciona você da uma discussão, você pegar um texto ler e discutir isso não funciona você tem que escrever alguma coisa. Muita resistência a pratica, eles não se negam a fazer, tem turmas realmente que tem pessoas que se negam, “não vou fazer isso e pronto”, mas que tem a resistência tem, você sente que eles não querem aquilo, e as vezes eu respeito, eles falam assim: anão professora não vamos hoje não estamos cansados, e as vezes eu planejei uma prática pro dia e eu vou pro plano B na hora, pra ficar na sala, eu não venho mesmo, que eles alegam cansaço eu ate entendo, e tem muito problemas de saúde também nessas turmas, que

tem gente que tem problema de joelho o outro estava me falando hoje que deslocou o ombro, a outra que esta ali no meio da sala esta com cirurgia marcada, ela não da conta de levantar o braço direito, ela disse que não esta dando conta nem de pentear o cabelo por causa do problema, e eles tem mesmo esses problemas e você passa a conhecer, que tem o problema do cansaço, do serviço, sabe? A que tem o problema do joelho vai e volta do serviço à pé, além do fator idade, tem mesmo, então eu respeito isso, eu falo lá que eu ate entendo essa questão de não querer, porque as vezes eu ate me coloco no lugar deles, assim na idade que eles estão, que a maioria é adulto ou idoso, já perdeu muito tempo, por questões variadas, que as vezes nem eu sei, e eu me coloco no lugar de eu ir no lugar deles estudar e alguém chamar pra fazer uma prática esportiva por exemplo, a gente que é da área tem essa consciência que é importante, mas eles muitas vezes além de não ter a consciência, eles estão certos na questão mesmo de ter perdido tempo e é pouco tempo que eles ficam aqui, são três horas, e as vezes ta me tirando da sala pra eu fazer uma atividade, isso não vai valer de nada pra mim, eu vou perder tempo, as vezes ate falam ou não falam, mas expressão, mas assim, eu não julgo eles por isso não, porque de uma certa forma eles estão certos.

- Qual a distancia entre o que você acredita para a Educação Física na EJA e o que realmente você consegue realizar nas aulas?

Hoje em dia porque eu estou mais consciente, então eu planejo o que eu acho que vai dar certo, na maioria das vezes da, algumas vezes não, algumas vezes se eu trago alguma coisa e acho que vai ser muito bom eles acham ruim, algumas vezes eu venho e acho que essa aula tá capenga demais, eu venho e eles acham bom, então isso é relativo, mas quando eu entrei, eu sofri muito porque eu tentei no início fazer igual eu fazia no ciclo aula prática todo dia, e eu sofri e fiz os alunos sofrerem, porque primeiro eu achei, eu achava super longo o nosso tempo ali, porque tipo eu entrei sete horas e fiquei ate nove, então tirando o intervalo do lance eu fiquei duas horas lá, então tirando o intervalo da uma hora e meia mais ou menos, o tempo era extremamente longo pra mim no inicio, porque eu queria fazer esse tempo todo de prática e as vezes nem uma pessoa treinada da conta de fazer uma hora e meia de prática, depois eu vi que isso não estava certo, ai o que eu comecei a fazer, eu falava pra eles e ficava mesmo, nos vamos

ficar trinta, quarenta minutos lá fora, e eu planeja um monte de coisa pra preencher o tempo inteirinho, era um monte de coisa, era umas cinco atividades por dia, ai depois eu comecei a ficar mais consciente, não pode ser assim, ai eu comecei a ponderar, é assim, eu tento dar pelo menos uma por semana, tem semana que não da, mas já teve caso de chegar ao absurdo de ficar quase um mês sem aula prática porque as vezes não da certo, vem o feriado, tem o planejamento, tem um filme hoje, então vai acontecendo coisas na escola também que interfere, então hoje em dia ate da certo porque eu aprendi esse negocio, eu converso com a turma, converso o tempo todo, mesmo que eu tenho planejado a aula a aula prática eu pergunto e “ai nos vamos fazer aula hoje? a não, não vamos fazer hoje? Tá bom, então tal dia nos vamos!”, ai tal dia eu vou, entoa tá assim, hoje dá mais certo porque antes eu já prevejo que muita coisa pode acontecer, então eu tomo mais cuidado, mas antes com eu vim trabalhar com criança e depois vim pra noite e achei que ia ser a mesma coisa, doce ilusão, vamos aos trancos e barrancos, nos vamos.

- A relação: Educação Física e demais sujeitos escolares: o que entendem por Educação Física gera problemas nas suas aulas?

Eu acho que não, deixa eu pensar, eu acho que eu já passei por situações assim de outros profissionais acharem que as outras matérias são mais importantes, mas não acontece aquilo que acontecia antigamente, tipo, vamos ter uma reunião e o professor de educação vai ficar na sala com os alunos pra gente fazer reunião, não aconteceu, nunca aconteceu isso por exemplo, mas já acontece da gente ser deixado um pouco de lado, primeiro, o primeiro segmento ele é minoria, tipo assim, tem quatro salas de quinto a oitavo, então sempre nas reuniões e discutidos questões de quinta a oitavo porque são mais alunos, e a de Educação Física pior ainda, igual no meu caso, a prefeitura agora tem os coletivos únicos e tem a Educação Física completa carga horaria, nenhuma das duas escolas que eu fazia parte, nem essa, nem a outra, era coletivo único, então só eu, eu tenho aqui duas vezes por semana e os outros três dias eu estou em outra escola, então as vezes tipo assim, eu chegava aqui e não sabia o que estava acontecendo aqui, as vezes acontecia alguma coisa e eu chegava e só ficava sabendo na hora, e na outra escola a mesma coisa, então tipo assim, ou é comunicação ou é aquela área não tem muita importância não, deixa que quando chegar aqui a gente resolve, então muitas vezes eu não sabia o que estava acontecendo, e era só eu a única que fazia isso, a partir

desse ano nessa escola aqui começou a ter o coletivo único, o que é o coletivo único? Os professores de uma escola atende duas escolas, porque muitas escolas estão fechando no noturno, por causa da quantidade de aluno, que a visão da prefeitura é assim: “tem poucos alunos vamos fechar que os alunos dessa escola vão pra outra, acontece que não vão”. Hoje eu conversei com uns alunos ali, eles pressupõem que tipo assim, fechou uma escola os alunos que estavam naquela escola vão pra outra, se esta difícil ir pra uma escola perto, eles não vão pegar um ônibus a noite e sair desembestado pra um lugar que eles não conhecem pra estudar ne, se esta difícil ir numa que esta perto, mas a prefeitura pensa assim, então anda fechando muito e acontece esse negocio do coletivo único, então agora aqui esse ano, e os professores estão passando por tudo que eu passei, eu acho que as vezes não é nem uma questão de disciplina, as vezes é uma questão de organização mesmo da rede, eu já tive por exemplo coordenadora que perguntou pra mim “Por que você vem tão pouco aqui?” tipo assim, como se fosse escolha minha, entendeu? Quando foi uma coisa que me foi imposta, tipo assim, eu escolhi ir pro noturno e só tinha vaga se fosse assim, como é que eu ia fazer, tinha que pegar, então eu já tive que pegar dois dias em uma eu a única profissional fazendo isso e isso aconteceu que eu ficava meio aquém das coisas que acontecia, talvez nem por causa da área ne, mas por causa do minha própria jeito que eu tenho que atender as escolas.

- Formação inicial?

Eu não sei se hoje no currículo da Educação Física vocês tem alguma coisa, porque durante minha formação eu não tive nada de EJA, a não ser estudar o Paulo Freire, porque o Paulo Freire ele foi tipo o precursor do ensino para adultos, vamos dizer assim, não sei se você chegou, mas no primeiro ano meu de Federal tinha um projeto lá chamado “projeto agente”, era ate o Ari que era coordenador, e ai esse projeto a gente atendia meninos e meninas em situação de rua aqui em Goiânia, tinha quatro unidades aqui em Goiânia, era o Ceacas, a casa das flores, tinha mais duas que esqueci os nomes agora, não me lembro, e nessas nossas reuniões semanais que a gente tinha la, a gente tinha estudo, e a gente estudou muito Paulo Freire e tudo mais, e alguns livros dele, e o Paulo Freire ele teve uma experiência no ensino para adultos, quando ele nem era professor ainda, era advogado, e de repente ele começou a ensinar, ele não teve uma formação pra professor, mas voltado pra EJA eu nunca tive nada, a gente aprende

mesmo é no dia a dia, porque a formação não prepara a gente pra EJA. Eu tive na faculdade aulas voltadas pra grupos especiais, eu tive aula ate de um pouco de libras a gente teve, eu não sei se ainda tem um professor Gerson lá hoje, ele era substituto na época, ainda existe uma disciplina chamada ginastica adaptada? Porque tinha ginastica que na minha época era no segundo ano, que na minha época era anual e tinha ginastica adaptada que era no terceiro ou quarto ano, eu adorava o professor Gerson, ele deu libras pra gente, ele deu noção de como trabalhar com pessoas cegas, por exemplo, mas pro ensino da EJA a gente não teve, não sei como esta hoje o currículo, mas na minha época não teve não.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

A forma como é trabalhado o componente curricular no ensino da educação física na Educação de Jovens e Adultos

Pesquisado: Juliano Coelho Capuzzo

Orientador: Dr. Lenin Tomazett Garcia

Escola 3

Professor C

- Qual a contribuição que a Educação Física pode oferecer ao público da EJA?

Eu acho que pode oferecer muitas contribuições, lembrando que o aluno de EJA é um aluno que na maioria das vezes é um aluno adulto né, porque o público do EJA é acima de 15 anos, a maioria trabalha ou são idosos, então acho que a Educação Física tem muito a oferecer para esses alunos que não tiveram o estudo na idade adequado a maioria deles.

- Quais as dificuldades que a Educação Física enfrenta na EJA para a realização do seu trabalho pedagógico?

Tanto pro professor de Educação Física quanto pros outros professores também, a grande dificuldade que a gente encontra na EJA, são a evasão escolar porque assim, o aluno vem hoje e amanhã ele já não vem depois da manhã ele vem, ai ele vem

uma semana e passa duas sem vier, acho que é uma grande dificuldade pra você ter uma sequencia de conteúdo, a baixa evasão e também quando vai chegando o final do ano como agora que estamos em caráter de fim de ano, os alunos vão se reduzindo, a gente começa as vezes o ano com a escola cheia, mais alunos, todo animado, ai quando chega no final do ano a quantidade de aluno é assim bem menor, ai não dá pra você trabalhar as coisas com você quer, como você gostaria de trabalhar, os conteúdos como você gostaria, então isso dificulta muito o nosso trabalho enquanto professor de Educação Física, porque assim, pensando eu tenho vamos supor que eu tenho seis salas com setes alunos, mais ai no fim do ano eu chego com um dois alunos frequentes, como é que eu vou dar aula de Educação Física? É muito complicado, essa é a grande dificuldade, e assim, a gente tem às vezes algumas resistências de alguns alunos mais é menos, eu falo que a maior dificuldade é a evasão mesmo, mesmo com a resistência de algum aluno ou outro em relação à aula, é mais os alunos de idade, a própria Educação Física eles acham que não tem a necessidade deles fazerem, principalmente os idosos, os adolescentes a gente não tem problemas, os adolescentes amam a Educação Física, agora quando você chega no idoso muitos não vem necessidade, ele inventam desculpas pra não fazer sua aula, “a o medico falou que eu não posso fazer essa aula, ai eu tenho problema de coluno, ai eu machuquei o pé”, as vezes você entende porque muitos são trabalhadores e eles na querem fazer aula porque estão cansados, chegaram cansados do trabalho, então o que a gente tem que fazer a gente tem que fazer todo um trabalho pra explicar que aquilo ali também é uma pratica que pode ajudar a melhorar a vida dele, tanto assim emocionalmente, com fisicamente, que não é só simplesmente ele fazer um exercício, ali ele esta fazendo um exercício que é pra melhorar a qualidade de vida dele, então é assim você tem que fazer esse trabalho com eles, assim no início do ano eu foco bastante com eles, principalmente esses que tem resistência. “Tem também a coisa do ‘a gente que escrever aprender a ler professora”, ai eu fala assim: à gente, vocês querem ficar aqui o tempo período inteiro sentado dentro da sala, com a bunda doendo, vocês não querem um tempo pra vocês relaxarem? Ate pra pensar melhor, porque não adianta ficar sentado com a bunda na cadeira três horas seguidas pra aprender a ler, vai chegar uma hora que a sua vista vai cansar, entendeu? Vocês vão sentir a necessidade de sair um pouco da sala de aula porque vai ficar monótona a aula, eu falo desse jeito, é assim que eu tento convence-los. Eu tenho uma aluna aqui que tem resistência demais com a Educação Física, demais!

- Como você na docência pensa que deveria ser o ensino da Educação Física na EJA?

Como deveria? Eu acho que deveria ter mais aluno assim, nesse sentido, se tivesse mais alunos daria pra trabalhar vários conteúdos, hoje eu foco muita coisa dentro da sala de aula também, eu não fico só fora da sala de aula, eu fico dentro da sala de aula, trabalho conteúdo de alimentação, de saúde, porque é um conteúdo que você mais voltado pra essa faixa etária, porque cada faixa etária um conteúdo, então não em como eu jogar um brincadeira, um jogo, dependendo da pra colocar uns jogos mais uma brincadeiras ou coisa assim com idosos, com adultos não vai funcionar, então tem que tentar puxar um pouco pra esses conteúdos, falar do lazer, no início do ano eu costumo falar da importância da Educação Física do lazer, da questão da ocupação do tempo livre eu tenho até um texto que eu uso, que aí assim eu já entro no assunto do carnaval que eles já estão na proximidade do carnaval, pra que que serve o carnaval? Antigamente era pra ocupar esse tempo da pessoa que trabalhava o ano inteiro, então tinha que ter o momento pra sair daquilo ali, então eu vou entrando nesses conteúdos assim, saúde, alimentação, lazer, jogos, alongamentos e por aí vai...

- Qual a distância entre o que você acredita para a Educação Física na EJA e o que realmente você consegue realizar nas aulas?

Eu acho que eu conseguiria realizar melhor se não tivesse esses problemas na EJA, além dos problemas que a gente enfrenta da evasão, a gente às vezes não tem incentivo as vezes da prefeitura, da própria prefeitura de fazer uma campanha pra ter alunos na escola, então a gente vive sobre o risco de fechar a escola, turma e tal. Desde que eu entrei na prefeitura, eu entrei em 2009, tem oito anos? Isso tem oito anos que eu entrei na prefeitura, eu entrei em junho de 2009, eu já entrei diretamente na EJA porque eu queria trabalhar na EJA, mesmo não conhecendo a realidade eu quis ir pro ensino noturno, e eu gostei, logo de cara eu gostei e falei: eu vou continuar no ensino noturno enquanto eu tiver campo de trabalho, mas assim quando eu entrei tinha mais de noventa instituições, hoje a gente tem cinquenta e poucas, e a cada ano a prefeitura fecha mais, esse ano vai fechar mais duas, então você vive sobre pressão, você não consegue fazer um trabalho mesmo que você tenha poucos alunos você não consegue

fazer um trabalho que você fala nossa que trabalho excelente, e difícil, isso é mais raro, eu acho que esta um pouquinho distante ainda, não é impossível, mas esta distante.

- A relação: Educação Física e demais sujeitos escolares: o que entendem por Educação Física gera problemas nas suas aulas?

Não, eu acho que isso esta caindo por terra, sabe? eu acho que sim, pode ser que nos outros turnos isso seja diferente porque eu não do aulas pra ciclos, pra criança, mas assim, eu acho que tem mudada muito isso, acho que as outras áreas tem enxergado que a gente não é só tapa buraco, claro que ainda tem o período de festas, quadrilhas e tal que eles vão lembrar da gente, isso ai eles vão lembrar porque o professor de Educação Física é o mais animado e tal, mas nessa escola aqui em especifico eles dão muita importância sim, não deixa de falar que nossa aula e menos importante, as vezes eu to dando aula, to fazendo um alongamento ali e já aconteceu muitas vezes de um funcionário querer ir fazer, entendeu? Por que Ele também não tem tempo, tem outro trabalho e ai ele vai lá e faz o alongamento juntos do s alunos, a coordenadora, não só ela o pessoa da secretaria já foi fazer minha aula, mas porque eles veem a importância do trabalho da Educação Física, acho que a resistência mesmo é do aluno, de alguns assim de gatos pingados.

- Formação inicial?

Isso a gente sempre comenta nos cursos, a gente tem os cursos de formação, não sei se alguém já te falou isso em alguma entrevista, então tem o centro de formação da prefeitura, ai teve uns quatro anos seguidos que a gente era obrigado a fazer o curso, não era por adesão era obrigado, então a gente tinha que pegar vamos supor os dias de estudos da gente, se organizar e ir fazer o curso, então dentro desses cursos a gente aprendeu varias coisas, algumas coisas sobre essa realidade, que a gente tem que trazer essa realidade pra realidade do aluno primeiro pra poder dar aula, você tem que olhar umas especificações, fazer uma analise, uns diagnósticos, assim como você faz no ciclo, só que na EJA é diferente, você tem que fazer uma coisa mais profunda porque você esta lidando com adulto, você não esta lidando com criança, então é outra diferença e eu não vi nada na minha faculdade, nada na minha formação, eu fiz estagio na educação

infantil ali no antigo colégio do IEG , lá embaixo tem o jardim de infância da prefeitura, já estagiei ali, já estagiei no ensino fundamental só, mas na EJA não, é uma coisa que a gente comenta a maioria dos formados nesses cursos, nos não tivemos nenhuma prepararam pra dar aula pra EJA, a gente cai e vai indo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

**A forma como é trabalhado o componente curricular no ensino da educação física
na Educação de Jovens e Adultos**

Pesquisado: Juliano Coelho Capuzzo
Orientador: Dr. Lenin Tomazett Garcia

Escola 4

Professor D

- Qual a contribuição que a Educação Física pode oferecer ao público do EJA?

Particularmente eu acho que a questão de conhecer o seu próprio corpo, alguns professores tentam abordar outros tipos de matérias como o futebol, eu trabalho isso so mais nas aulas praticas mesmo, assim quando falta um professor que a gente tem essa abordagem de “rola bola” tipo assim, na minha visão a Educação Física pode trazer conhecimento sobre o corpo, e sobre eventos, esse ano nos tivemos trabalhas sobre as olimpíadas e das paraolimpíadas, o estudo, o planejado foi que a gente trabalhasse as olimpíadas e as paraolimpíadas, só que em agosto durante as olimpíadas eu estava sobre licença medica, então eu trabalhei com eles somente jogos paraolímpicos, e houve uma aceitação muito grande porque eles não conheciam, teve ate uma aluna que não vem a aula, não tem interesse e na prova a gente tinha uma questão sobre qual esporte adaptado você acha mais superação, ai ela colocou “futebol de cadeiras de rodas”, ela não estava entendendo nada, a maioria deles se interessaram por isso, no primeiro semestre nos trabalhamos questões de noção do corpo humano, então sistema esquelético, sistema muscular, nos trabalhamos também jogos de dama, de xadrez, de domino, ensinando a técnica de contagem de peças como por exemplo no domino, e assim tudo transcorreu de acordo com o meu planejamento inicial, ficaram faltando

inúmeras matérias, inúmeros conteúdos que eu gostaria, mas o principal mesmo foi essa noção básica da sua saúde, agora nos entramos no exercício físico e saúde, então eles não tinham noção que o exercício físico podia trazer benefícios psicológicos, que pode trazer redução de níveis de diabetes, hipertensão, então eles não tinham noção disso e estão mostrando muito interesse de aprender principalmente os conteúdos de anatomia e de como seu corpo funciona e exercício físico e saúde, então estes são conteúdos que dão certo pra realidades das duas escolas, aqui a gente tem mais a parte prática, no início a gente também trabalhou alongamento então eles tiveram uma aceitação muito grande, muitos relataram que na primeira noite eles dormiram melhor, então esses conhecimentos sobre a saúde deles na Educação Física foi muito proveitoso.

- Quais as dificuldades que a Educação Física enfrenta na EJA para a realização do seu trabalho pedagógico?

Diversas coisas, no nosso caso, nos passamos o primeiro semestre sem professora de português, então nos professor de Educação Física, de ciências e inglês ficamos totalmente sobrecarregado, foi do dia 10 de fevereiro ao dia 30 de junho sem professor de português, e nos tivemos que aprovar os alunos porque agora a EJA é na rede municipal é seis meses, a primeira e quinta serie tem duração de um ano, a segunda, terceira, quarta, sexta e oitava são só seis meses, então nos tivemos que aprovar os alunos da oitava mesmo assim e isso comprometeu o trabalho de todos porque foram muitas aulas, as vezes com desinteresses dos alunos porque eles também estavam interessados em aprender português, então a minha prática pedagógica foi intercalar aulas de Educação Física prática com alongamentos, futebol, basquete, com jogos, com as matérias no quadro, a gente trabalha muito matéria teórica, aqui no Brice nem tanto porque nos temos uma estrutura física boa, no Donata a escola tem quatro andares, tem o andar superior onde tem aula, tem o andar de baixo que é onde a gente entra que é a secretaria, tem um andar inferior que é onde fica o refeitório e a quadra que fica lá atrás no quarto andar pra baixa, ainda é pra baixo, então assim, é muito complicado, muita burocracia, muita chave pra abrir, pra chegar na quadra é um negocio que tem que pegar chave de não sei quantos portões, tem que abrir a sala de Educação Física pra pegar a bola pra descer e os alunos fazem bagunça e a questão da disciplina e indisciplina conta muito, aqui no Brice nos não temos tanto, temos alguns casos, de indisciplina de enfrentamento com o professor, mas no Donata a gente tem muito mais, de relato de aluno urinar na sala, acender narguilé que foi o mesmo aluno que fez isso,

aluno de dezesseis anos teve a capacidade de fazer isso, nos temos alunos que tem dificuldade, na oitava serie do Donata nos temos três alunos que são especiais, então não rende o trabalho, eles estão lá desde o começo do ano e provavelmente vão ficar de novo porque eles não tem condição de ir pra frente, a questão do horário, a formação que agora foi trazida pela secretaria pra gente ter a formação com o certificado da UFG foi uma coisa interessante e isso não afastou os alunos, porque a gente achou que sexta feira não tem aula, duas sextas-feiras no mês, porque é uma pra planejamento e outra pra formação vai diminuir os alunos, a gente não percebeu muito isso no primeiro semestre, agora deu uma leve abaixada mas sempre da mesmo do meio do ano pra frente, mas as principais dificuldades pedagógicas foram essas mesmo, você planeja e não sabe em qual sala vai entrar, que você não sabe qual professor vai faltar, não tem professor substituto, nos passamos esse tempo todo sem professor substituto, nos conseguimos um assim por quinze dias, vinte dias no máximo em junho, então foi totalmente estressante, agora no segundo semestre o desfalque foi eu, eu fiquei do dia 2 ao dia 31 de agosto de licença medica devido a um problema na coluna, então os alunos além de ficarem sem as aulas de Educação Física teóricas, as práticas rolou o “rola bola”, os professores cansados de trabalhar em sala levaram eles pra sala e deixaram eles livres, teve problemas de brigas, de indisciplina, porque não eram os professores que estavam lá era outro funcionário que estava vigiando e porque não há conhecimento técnico pra aquilo, não é so jogar a bola e deixar eles fazerem. Eu faço intervenção com eles assim, olha, hoje joga ai, vamos la, o dia que eles estão muito agitados a gente vai pra quadra, principalmente quando estão muito estressados, principalmente aqui no Brice, olha hoje a gente vai pra quadra beleza? Meninas nós vamos jogos de tabuleiro, de cartas e os meninos vão pro futebol, “a professora eu quero jogar futebol, um menina fala” “beleza, pode ir, por sua conta e risco” porque elas não vêm preparadas pra isso nem física nem psicologicamente, não vem de tênis, vem de calça jeans apertada, quer jogar? Pode ir, você conhece seus limites, mas nunca aconteceu problema nenhum, e assim acontece com os meninos que não querem participar do futebol, querem jogar um basquete às vezes, trabalhar com jogos de tabuleiro isso acontece muito, então os problemas pedagógicos foram esses, essa professora que estava de licença no primeiro semestre saiu de licença agora mais trinta dias, ela volta quarta-feira de Deus quiser, então constantemente nos estamos em três professores e é impossível você planejar algo diferente, porque você não sabe se vai juntar turma, porque aqui a sexta já é junta ai você põe a sétima e como vai dar o mesmo conteúdo, as vezes a Educação Física eu

trabalho o mesmo conteúdo, mas os outros professores não podem, então nos tivemos muitos problemas quanto a isso, um planejamento por exemplo, eu havia colocado no projeto político pedagógico da escola pra trabalhar sobre eleições municipais, que os outros professores também poderiam ter trabalhado, mas eu pedi pra trabalhar e não deu tempo, na hora que eu cheguei aqui não tem jeito porque juntou a turma, não tem aula, a é formação, é feriado, então não rendeu, muitos conteúdos não foram trabalhados, um conteúdo que foi muito aproveitado, mas os que tinham sido planejados e não saíram do papel fizeram falta.

- Como você na docência pensa que deveria ser o ensino da Educação Física na EJA?

Olha, às vezes é complicado a gente querer pensar em algo assim muito mirabolante, eu acho que se nos tivéssemos o apoio de materiais melhores, nessa escola aqui não falta material, a gente tem muito, tem espaço, assim, agora tem o poste de colocar a rede de vôlei, mas pra montar uma rede de vôlei você vai gastar dez quinze minutos da aula, a aula tem quarenta minutos, uma tem quarenta minutos a outra tem uma hora, e seria interessante que tivesse um auxiliar pra ajudar, as vezes vem o pessoal do estagio, eu estou dobrando em uma escola a tarde que tem o pessoal do estagio, o pessoal do estagio esta com mais preguiça que o professor, a aula vai das 13:00 ate 15:30 hoje teve um que deu 15:10 “olha professora eu já terminei e estou indo embora”, mas a aula é ate 15:30, mas não fica, então assim, coordenação ajuda, pergunta o que material que você precisa, o material por ser compartilhado eu acho que a EJA precisava ter o material dele domino, jogos de tabuleiros, tudo é dividido com o ciclo, você arruma o jogo de domino certinho hoje, amanhã ele esta todo bagunçado de novo faltando peças porque a professora entrega para os alunos jogarem domino? Não, como é que o ciclo um joga domino? Ela entrega para eles fazerem casinha, um, dois, três pacotes de dominós e lá eles bagunçam de novo e todo vez tem que arrumar e ai eu perco dez minutos da aula e então os alunos reclamam, então o ideal seria que nos tivéssemos materiais disponíveis de preferencia separados do ciclo, materiais sobre o corpo humano, no Donata a gente tem, primeiro semestre eu trabalhei o sistema esquelético e lá nos temos o esqueletinho, aqui a gente não tem, não tem o esboço dos músculos lá, por exemplo, então assim, material que te dê embasamento pra fazer uma aula teórica, porque todo mundo acha que aula de Educação Física na EJA ou é a gente alongar porque esta todo mundo cansado, ou jogar bola pra eles, e eu tento provar pra

eles que não é assim, então fica “a professora que dia que a gente vai pra quadra?”, la no Donata eu não aguento mais eles perguntarem, mas é uma burocracia, e vinte minutos pra chegar na quadra, ai você dá vinte minutos de aula e tem que voltar pra sala, ai eles não podem sair da aula de Educação Física e ir direto pro lanche, tem que voltar pra sala, subir escada e depois descer, é uma burocracia pra você dar aula, os professores das outras matérias usam livro, pra pegar um livro no armário cadê a chave? Pega a chave, pega o livro e leva pra sala, ai o aluno destrói o livro, joga o livro no chão, é muito... Tem dia que a bruxa tá solta, nada funciona, outra coisa que eu acho que seria interessante seria uma apostila pra Educação Física, naquela ultima discussão da reescrita que teve na secretaria nos tivemos uma professora que indagou o seguinte: por que do professor de geografia, historia, matemática, de todas as matérias ele tem algo que ele tem que trabalhar nas aulas na sexta serie, todos os professores da rede trabalham o mesmo conteúdo em geografia, historia, matemática pra sexta serie, pra quinta serie, pra quarta serie, por que a Educação Física não tem? Por que que a gente tem que se virar ate o professor de inglês tem apostila, e por que que nos não podemos ter uma apostila de Educação Física sobre saúde, sobre alongamentos, sobre o funcionamento do corpo humano, sobre a melhora do sono, porque que o exercício físico ajuda a diminuir a taxa metabólica, então assim, é um acervo de texto que a gente podia ter que você podia trabalhar tanto no teórico como no prático, por exemplo, olha pessoal hoje nos estamos aqui com dois professores eu vou passar pra vocês os alongamentos e o professor fulano vai ajudar a executar pra quem tem dificuldade e vocês vão fazer um relatório pra mim amanhã sobre como vocês dormiram essa noite, seria uma coisa perfeita, mas você fala o aluno faz errado e você sai do lugar pra corrigir ele e o outro sai do lugar porque você saiu, e você fala e eles não entendem, a gente tem que entender que aqui a gente tem adolescentes e tem idosos, os idosos estão fugindo do EJA porque os adolescentes foram praticamente expulsos do ciclo porque chega nos quinze anos não pode mais ficar lá e tem que vir pra noite, e ai a gente é obrigado a ter uma sala com alunos que tem setenta anos e de quinze, então é muito discrepante, essa questão de ter um auxiliar ou não sei promover mesmo, não é bolsa estagio, mas alguma coisa que chamasse pode ser sim pessoas que estejam em formação, pra vir pra escola, pra aprender a dar aula no EJA, porque no ciclo tem muito, mas no EJA não tem.

- Qual a distancia entre o que você acredita para a Educação Física na EJA e o que realmente você consegue realizar nas aulas?

Às vezes eu planejo assim trabalhar esse conteúdo em duas aulas, fazer uma vivência prática no final, tipo os benefícios da caminhada, pessoal vamos lá, vamos fazer uma caminhada tá, fica distante por que como que eu saio com uma quantidade de alunos na rua a noite nos bairros que querendo ou não são periféricos, todo mundo tem celular, todo mundo tem tênis, e se acontece alguma coisa na rua, você vai colocar seus alunos, eu planejei muitas vezes fazer caminhada, mas você vai colocar seus alunos pra andar na quadra igual você fazia lá na Educação Física antiga que colocava os alunos pra correr em volta da quadra só, nunca, não tem cabimento, fica muito discrepante, você planeja uma coisa pra trabalhar em sei lá duas aulas e gasta quatro, porque ai você passa no quadro, você tem a praticidade de entregar numa folha, mas os alunos não precisam treinar a escrita já que ficaram sem o professor de português, então vamos passar no quadro, ai você passa no quadro o aluno que podia o texto inteiro numa aula gasta duas, então fica muito complicado você conectar principalmente o assunto teórico com o prático, tem ficado muito difícil.

- A relação: Educação Física e demais sujeitos escolares: o que entendem por Educação Física gera problemas nas suas aulas?

Nos temos duas realidade muito diferentes, aqui no Brice, olha eu preciso que alguém ligue a luz da quadra pra mim que eu não sei, eu não preciso nem piscar que esta lá ligada, olha eu preciso de uma bola e uma bomba pra encher a bola, sai todo mundo parecendo uns louco porque tem que achar essa bomba, essa bomba estava aqui, ou tem como você ficar cinco minutos com os alunos porque eu tenho que atender o telefone, ou tem como você ficar com os alunos pra eu pegar os materiais? Aqui o pessoal é muito engajado em te ajudar, no Donata a realidade é completamente diferente, como eu disse, na escola pra você chegar na quadra é muito longe, não é que é muito longe, mas são andares, escadas, rampas que você tem que descer, portões que você tem que abrir, pra chegar na quadra eu tenho que abrir quatro portões diferentes, um fica normalmente aberto e os outros três eu tenho que abrir na hora, então assim, a aula que acabou de voltar do intervalo a pessoa da limpeza não quer te ajudar porque ela tem que ajudar a merendeira a lavar as louças e colocar pra secar, ela na pode ligar o refletor pra você antes pra iluminar lá porque é escuro, então assim, é muito burocrático, não vejo uma integração, eles acham que assim “vai lá e joga a bola”, ta, mas pra eu chegar lá e jogar a bola é uma burocracia tamanha, então já tive problemas com o pessoal da escola, principalmente na limpeza, de olha eu preciso da chave pra pegar a

bola, ai pra pegar a bola tem que abrir o auditório, tem que abrir o portão, tem que abrir a porta da sala, tem que pegar a bola, tem que esperar a pessoa abrir os três pra abrir os mais três lá de baixo, os alunos esse semestre foram uma vez pra quadra, porque quando você pensa e ir lá já acabou a aula, ai fala a aula é sete horas e a gente só começa a aula sete e dez, sete e quinze porque chega atrasado, ai você espera um pouquinho pra fazer chamada, ai você começa a passar no quadro alguém te chama, então da parte da coordenação ate que não, as vezes pergunta que material que você quer, os professores também não, mas o corpo administrativo impede que eu faça um bom trabalho, mas em relação a desclassificar a Educação Física como uma disciplina inferior as outras não, eles ate olha os meninos ficaram loucos sem Educação Física aqui, ficaram loucos sem você, porque eles falaram que você ia trabalhar as olimpíadas com eles, pois é cara, agora já passou eu vou trabalhar paraolimpíadas, e ai as paraolimpíadas duraram duas semanas eu acho, dez dias, o conteúdo de jogos paraolímpicos durou um mês, porque até que eu consigo dar o texto todo, dar a prova, demora muito, mas os professores tem uma boa visão sim, eles não criticam e falam nossa você esta trabalhando muita matéria em sala, porque os meninos estão precisando copiar, eles não sabem nem copiar do quadro, se uma palavra tem acento eles não copiam o acento, ai você tem que falar o fulano aqui tem um acento, então a falta das aulas de português fez com que nós nos empenhássemos nisso, e ai agora tá querendo entrar no eixo.

- Formação inicial?

O meu estagio dois foi no EJA, nós trabalhávamos muita matéria em sala sobre pirâmide alimentar, sobre essa parte de Educação Física e saúde que eu estou tentando trazer pra cá que é o que eu tenho de experiência, eu sempre foi professora de ciclo, esse ano que eu vim pro noturno, por mais que eu tenho feito dobras no noturno agora que eu sou professora efetiva do noturno e eu preciso ter um planejamento pro ano todo, e foi complicado porque tudo que eu planejei no primeiro semestre eu não beleza ne, eu planejo o primeiro e depois planejo o segundo, o do primeiro semestre eu não fiz um terço, então agora vai ficar pior ainda porque agora eu fiquei um mês sem, então na minha formação inicial a gente teve pouco embasamento, por exemplo, nas paraolimpíadas eu fui mostrar pros meninos como é a vida de um cego, então eu vendei eles e fiz eles andarem pela escola, foi o auge, esses meninos gritaram, correram, “nossa professora hoje eu vou rezar e agradecer a Deus porque eu enxergo porque ser cego deve ser muito difícil”, seu pudesse ter essa vivencia com um cadeirante, mas eu não

tenho recurso, pra onde que eu vou procurar? Eu não tive essa formação na faculdade, a gente fez Educação Física e diversidade, a gente estudou um pouquinho de cego que foi o que eu fiz com eles, língua de sinais, eu nem lembro mais porque foi muito rápido, então essa dificuldade de alunos com déficit de aprendizagem eu passo a tarefa no quadro eles fazem uma garatuja “olha professor eu terminei” ótimo, visto, dou visto, porque é o que ele da conta, então eu não tive uma formação muito forte pra eu poder conseguir trazer muito conhecimento pra eles, o que eu tenho é o que eu estou procurando, porque eu não tenho como diz o outro uma apostilha , um livro pra me ajudar e o que eu tive na faculdade foi muito pouca coisa, então tudo que eu trago pra eles foi eu que pesquisei.

Termo de consentimento livre e esclarecido

O Sr (a) está sendo convidado (a) a participar, de forma voluntária, de uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assinie ao final deste documento, que esta em vias, sendo uma sua e outra do pesquisador responsável.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: COMO É DESENVOLVIDO O TRABALHO PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. Trata-se de uma pesquisa realizada para a realização de minha monografia de graduação da Universidade Federal de Goiás. Eu, Juliano Coelho Capuzzo, juntamente com meu orientador Lénin Tomazeti Garcia, estou responsável pela referida pesquisa e em caso de dúvida ou reclamação, você poderá entrar em contato, a qualquer momento, no telefone (62) 999019418.

A pesquisa tem como finalidade saber se tem e se como são realizadas as aulas de educação física nas escolas da rede municipal de Goiânia que possuem EJA, analisando as abordagens pedagógicas, a aceitação dos alunos e as dificuldades enfrentadas por esses professores, contribuição da educação física para esses alunos, relação escola e Educação Física e formação inicial.

Informamos ao Sr (a) que durante a entrevista alguns questionamentos poderão causar constrangimento ao expor suas opiniões para o pesquisador. Para minimizar e evitar isso, as informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua